

# ÁLBUM DO PIBID FURG 3



# ÍNDICE

- |    |  |   |    |
|----|--|---|----|
| 06 | Apresentação                           |   |    |
| 10 | Até que gosto das aulas de arte, sabe? | "Eu", Escola                                      | 08 |
| 14 | Roberto tem problemas                  | Receita tem seu segredo                           | 12 |
| 18 | Antônio, desliga a TV!                 | Para cada pergunta, uma resposta a ser encontrada | 16 |
| 22 | Uma receita para Cecília               | Que bicho é esse?                                 | 20 |
| 26 | Uma história de superação              | Aconteceu na escola                               | 24 |
| 30 | O mistério das maquetes                | Os três meninos                                   | 28 |
| 34 | Coisas de criança                      | O desabafo  | 32 |
| 38 | Carnaval fora de época                 | Professor, o que é um modelo?                     | 36 |

40 Saída de campo

44 Aprender mais com...

48 Na sala de aula não cabe preconceito

52 A maior lição

56 Os problemas escolares e suas soluções

60 Em um sábado chuvoso

64 A festa de São João

68 Um dia depois...

Curiosidades sobre o mundo geográfico:  
a integração dos saberes 42

Pixação não! 46

A estreia 50

Correspondência 54

Cotidiano inusitado 58

O que falta é motivação 62

O Espelho 66

Créditos 70

# APRESENTAÇÃO

Para apresentar os sentidos das histórias no PIBID-FURG, primeiro queremos lembrar as condições apresentadas por Walter Benjamin para contar uma história. A primeira que a experiência transmitida pelo narrador deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Não será diferente se o professor for um aluno ou um professor. As histórias serão todas entendidas. A segunda condição é que a experiência narrada seja uma atividade artesanal. Como não ser ao escolher uma história que é diferente de todas as aulas vivenciadas W? O trabalho artesanal faz pensar sobre seu tempo e assim instaurar um tempo que supere o cronológico, um tempo para contar. A terceira condição é a ideia de comunidade. O que narra transmite um saber que muitas vezes toma a forma de uma moral, de uma advertência, de um conselho. Como diz Benjamin, o conselho não consiste em intervir do exterior na vida do outro, mas de fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. As histórias continuam, estão abertas a novas proposições e ao fazer junto, como fizemos e fazemos no PIBID-FURG.

Em segundo lugar, para apresentar este Álbum III do PIBID, escolhemos trechos de uma avaliação que os bolsistas fizeram sobre o escrever, contar e reescrever histórias, atividade articuladora de reflexões nos projetos de cada licenciatura. O leitor vai encontrar aí razões do porquê escrevemos histórias como atividade educativa.

O processo de contação de histórias possibilita a reflexão crítica e distanciada da prática pedagógica, o pensar e o repensar as formas de ser e estar no mundo. É a oportunidade de revermos caminhos, ações e posições adotadas em determinadas situações e contextos, com vistas as melhorias e qualificações futuras. (História)

As escritas têm uma grande importância na minha construção docente, pois elas servem como ajustes, aperfeiçoamentos do meu modo de ser e agir na docência. Através delas aperfeiçoo minha forma planejar o ensino da melhor forma possível, mais eficiente. (Geografia)

Deixar gravadas as experiências pelas quais passei e poder revivê-las é algo que mexe muito comigo. As fotos tiradas em momentos especiais, e até mesmo aquelas que retratam momentos comuns e rotineiros, são capazes de fazer com que sejam revividos cada momento já passado. Os sentimentos, as expectativas, as emoções e até mesmo as frustrações são gostosas de lembrar, para que aquilo que foi bom seja realizado novamente e o que não deu certo seja repensado e realizado de forma diferente. (Espanhol)

Quando pensamos a respeito do que presenciamos em sala de aula, estamos de fato percebendo e questionando tudo o que envolve o professor, aluno e sala de aula. A escrita nos faz refletir sobre o que é desenvolvido na sala de aula, logo podemos associar o que se adquire no curso de formação com a real experiência em sala de aula. (Inglês)

A escrita das histórias que postamos no Moodle é muito importante, pois nos faz refletir sobre o que já vivenciamos nos encontros de formação e nas atividades na escola. Faz-nos ter também mais criatividade, e estipular uma moral (que como de costume toda história possui) dentro do nosso campo de vivências pessoais da visão escolar transformados em ficção, pois mostra a inovação com originalidade do meio em que convivemos, ou seja, nas histórias apresentamos uma "invenção do real". Assim, é muito importante para um docente ter essa habilidade de elaborar através real uma história fictícia. (Gestão escolar)

As escritas foram elementares, a partir delas foi possível construir uma nova vista sobre a docência. (Física)

A histórias sempre me fizeram refletir sobre o meu desejo de ser professora, pois tínhamos que pensar em diversas situações de uma sala de aula, o que fazia com que eu ficasse me imaginando nelas e refletindo sobre como eu reagiria, o que eu falaria, etc. (Matemática)

A importância das histórias, assim como a dos portfólios, era poder expor um pouco dos nossos sentimentos, vontades e experiências. Exercitar a nossa imaginação criando situações, eventos e personagens, sempre abria a nossa mente para novas ideias que podiam ser colocadas em prática. (Ciências Biológicas)

A escrita das histórias de sala de aula foi muito importante na minha formação docente, pois sempre procurava escrever algum fato que me chamasse atenção naquele momento em sala de aula, na maneira que o aluno se comportou, a maneira que a professora controlava certas situações, na hora da escrita o conteúdo, lidava com os alunos, fazendo eu no esse conjunto de fatos, faziam refletir e se fosse eu no lugar da professora o que teria feito para contornar certas situações que acontecem no dia-a-dia. (Química)

A escrita de histórias é importante pra mim pois me incentivava a refletir de forma mais profunda a respeito daquilo que eu estava vivenciando, fazendo uso de experiências e até daquilo que eu percebia sobre os alunos e outros bolsistas para escrevê-las. Acho que influenciava de modo positivo a minha formação justamente por me fazer refletir. (Artes Visuais)

Foi muito prazeroso escrever as histórias, com elas eu pude transmitir para quem ler, um pouco do dia a dia dos alunos na escola. Relatei algumas experiências verdadeiras que ocorreram durante este período, onde utilizei um olhar investigativo dentro do contexto escola. Também acrescentou em minha formação pelo fato de redigir um texto, que é o que mais necessito fazer, além das leituras, em minha graduação em Letras (Português).

Eu não participei, propriamente falando, do processo das escritas das histórias em sala de aula, mas tive a satisfação de assistir algumas apresentações de alunos pibidianos contando suas histórias. Acredito que contar sua história da prática docente é como sentar em um palco de teatro e contar sua vida. É falar de um universo que as pessoas não conhecem e que, portanto, é enriquecedor para o próprio indivíduo como para os que escutam a história. A história do outro pode ser, também, a minha. A minha história pode ser a que o outro irá vivenciar. Como saber o que a vida nos trará? Desde a antiga Grécia o conto da história o que nos tem feito andar para frente em busca de mais experiências e saber. (Educação Ambiental)

A escrita das histórias de sala de aula é importante em minha formação docente porque estes relatos, fictícios ou não, contribuem de maneira fundamental para a afirmação de nossa identidade docente e, ao mesmo tempo, são uma oportunidade de que possamos compartilhar com os demais envolvidos no projeto PIBID – Língua Portuguesa, histórias próprias do contexto escolar de nosso país, diversificado culturalmente como poucos. (Francês)

A importância do diário de campo e da história foi importante para formação docente, pois através dela podemos refletir sobre a minha atuação dentro da escola e a atuação da minha turma e após ler ela, tempos depois de ter escrito, posso ver o quanto amadureci e cresci, para atingir uma melhoria dentro da sala de aula. (Educação Física)

Muitas vezes em certas situações perdemos um pouco do nosso lúdico, mesmo no curso de pedagogia temos algumas aulas que não nos permite criar histórias, não nos estimula a criatividade lúdica. Tive a oportunidade de escrever uma história baseada em fatos reais, essa experiência que tive oportunidade de presenciar dentro da escola e compartilhar com outras pessoas. (Pedagogia)

Ioni, Maria do Carmo e Vivian

As escritas foram elementares, a partir delas foi possível construir uma nova vista sobre a docência. (Física)

A histórias sempre me fizeram refletir sobre o meu desejo de ser professora, pois tínhamos que pensar em diversas situações de uma sala de aula, o que fazia com que eu ficasse me imaginando nelas e refletindo sobre como eu reagiria, o que eualaria, etc. (Matemática)

A importância das histórias, assim como a dos portfólios, era poder expor um pouco dos nossos sentimentos, vontades e experiências. Exercitar a nossa imaginação criando situações, eventos e personagens, sempre abria a nossa mente para novas ideias que podiam ser colocadas em prática. (Ciências Biológicas)

A escrita das histórias de sala de aula foi muito importante na minha formação docente, pois sempre procurava escrever algum fato que me chamasse atenção naquele momento em sala de aula, na maneira que o aluno se comportou, a maneira que a professora controlava certas situações, na hora da escrita o conteúdo, lidava com os alunos, na hora da escrita esse conjunto de fatos, faziam refletir e se fosse eu no lugar da professora o que teria feito para contornar certas situações que acontecem no dia-a-dia. (Química)

A escrita de histórias é importante pra mim pois me incentivava a refletir de forma mais profunda a respeito daquilo que eu estava vivenciando, fazendo uso de experiências e até daquilo que eu percebia sobre os alunos e outros bolsistas para escrevê-las. Acho que influenciava de modo positivo a minha formação justamente por me fazer refletir. (Artes Visuais)

Foi muito prazeroso escrever as histórias, com elas eu pude transmitir para quem ler, um pouco do dia a dia dos alunos na escola. Relatei algumas experiências verdadeiras que ocorreram durante este período, onde utilizei um olhar investigativo dentro do contexto escola. Também acrescentou em minha formação pelo fato de redigir um texto, que é o que mais necessito fazer, além das leituras, em minha graduação em Letras (Português).

Eu não participei, propriamente falando, do processo das escritas das histórias em sala de aula, mas tive a satisfação de assistir algumas apresentações de alunos pibidianos contando suas histórias. Acredito que contar sua história da prática docente é como sentar em um palco de teatro e contar sua vida. É falar de um universo que as pessoas não conhecem e que, portanto, é enriquecedor para o próprio individuo como para os que escutam a história. A história do outro pode ser, também, a minha. A minha história pode ser a que o outro irá vivenciar. Como saber o que a vida nos trará? Desde a antiga Grécia o conto da história é o que nos tem feito andar para frente em busca de mais experiências e saber. (Educação Ambiental)

A escrita das histórias de sala de aula é importante em minha formação docente porque estes relatos, fictícios ou não, contribuem de maneira fundamental para a afirmação de nossa identidade docente e, ao mesmo tempo, são uma oportunidade de que possamos compartilhar com os demais envolvidos no projeto PIBID – Língua Portuguesa, histórias próprias do contexto escolar de nosso país, diversificado culturalmente como poucos. (Francês)

A importância do diário de campo e da história foi importante para formação docente, pois através dela podemos refletir sobre a minha atuação dentro da escola e a atuação da minha turma e após ler ela, tempos depois de ter escrito, posso ver o quanto amadureci e cresci, para atingir uma melhoria dentro da sala de aula. (Educação Física)

Muitas vezes em certas situações perdemos um pouco do nosso lúdico, mesmo no curso de pedagogia temos algumas aulas que não nos permite criar histórias, não nos estimula a criatividade lúdica. Tive a oportunidade de escrever uma história baseada em fatos reais, essa experiência que tive oportunidade de presenciar dentro da escola e compartilhar com outras pessoas. (Pedagogia)

Ioni, Maria do Carmo e Vivian

## “EU”, ESCOLA

ROBERTA PEREIRA QUARESMA – PIBID PORTUGUÊS

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Era uma vez, em um tempo pouco distante, a escola. É isso mesmo, não estou me referindo somente aos alunos que lá estudavam ou aos professores que nela trabalhavam. Estou falando literalmente da escola e de como ela percebia tudo que acontecia a sua volta.

Geralmente, eu despertava cedo e costumava receber minhas visitas às sete e meia da manhã, com uma linda cantoria. Eu adorava tocar minha sirene e ver o rostinho de cada aluno quando escutava: “óunnnn, óunnnn, óunnnn”... Bons tempos!

Estava eu em casa, como sempre, tentando me aquecer com o sol que mal aparecia. Lembro que minhas calhas ficavam congeladas, literalmente tomadas pela fina camada de gelo que se formava com aquele frio todo. Foram anos de inverno rigoroso, bem comum naquela cidadezinha que mais lembrava uma geleira àquela época do ano.

Apesar do clima nada favorável, nunca deixei de receber ninguém no meu lar, até porque todos eram bem-vindos. Quando chegavam novatos, eu os acolhia com carinho, oferecia minhas cadeiras, mesas, banheiros, comida, enfim, o que estava ao meu alcance.

A cozinha era um dos poucos lugares que estavam sempre quentinhos; afinal, meu fogão à lenha nunca era desligado, ficava num lugar que somente eu conhecia e que mais ninguém podia ter acesso ou, pelo menos, era o que eu pensava até então.

De fato, eu era dedicada com os alunos e eles sabiam reconhecer isso; não me riscavam nem colavam gomas de mascar nas classes, muito menos quebravam minhas janelas. Na verdade, zelavam tanto por tudo e, em uma determinada data do ano, comemoravam meu aniversário com uma linda festa e um grande abraço coletivo.

Vários invernos passaram; e, agora, em vez de sofrer com o frio, padecia naquele calor de rachar. Tudo estava um tanto diferente, pois aquele carinho que recebia dos meus alunos já não era igual ao de antes, e, mesmo botando meus ventiladores na velocidade máxima, aquele calor não diminuía de jeito nenhum. Que saudade daquela época...

Eu estranhava toda essa mudança. Minhas visitas sempre chegavam atrasadas, não usavam aqueles lindos uniformes de saias e meias longas, muito menos faziam questão de me ouvir, pois preferiam aquelas coisinhas enfiadas nos ouvidos à minha cantoria de sempre. Talvez eu estivesse ficando um pouco ultrapassada.

Devido à temperatura altíssima, todos tentavam permanecer o menor tempo possível no meu lar. E lembra-se da minha cozinha que aquecia a todos? Pois é, ninguém queria passar perto dela, afinal, esquentava muito e, agora, mais afastava do que aproximava alguém.

Nada parecia resolver meus problemas. Tudo que eu tinha desagradava a todos e, irritados, riscavam minhas paredes com desenhos, além das letras grandes que significavam palavras e enchiam meu teto de bolinhas coladas com cuspe. Meu Deus! Eu não acreditava no que estava acontecendo, estava perdida em mim mesma.

Até que um dia uma professora bateu à minha porta e lógico que a recebi bem, como sempre, mas admito que, de tantas decepções recentes, não lhe depusitei o crédito que merecia. Seu começo foi muito discreto, sempre vinha no mesmo horário, com um sorriso lindo no rosto e uma vontade sem igual de dar aulas.

Certo dia, chegou mais cedo do que o costume e foi logo entrando em direção à cozinha. Admito que fiquei receosa, pois aquele cantinho, até então, era só meu. Permite-lhe então que continuasse, pois acho que me encontrei no brilho que refletia daquele olhar, era um brilho de esperança. Ela estava decidida a achar meu fogão escondido e não demorou muito para encontrá-lo; então, começou a preparar um bolo gigante, no formato de coração.

Os alunos começaram a chegar e foram recebidos com aquela enorme delícia enfeitada com uma vela colorida. Para que não restassem dúvidas, a professora anunciou com um jeitinho doce:

– É aniversário da escola, vamos comemorar, afinal, este é o nosso lar também!

Havia eu esquecido completamente que estava ficando mais velhinha, mas aquela professora danada o lembrou, fazendo-me o desanimado coração – meu fogão à lenha – tilintar faíscas.

Aos poucos, os alunos ficaram diferentes, estavam mais animados e envolvidos com o mundo escolar. Ah, lembra-se das bolinhas coladas no teto? Pois é, agora quase não as vejo, sem falar nas paredes riscadas, que aos poucos se tornaram apenas lembranças.

Se em algum momento difícil você se sentir perdida assim como estive, lembre-se: não deixe de ter fé, a mudança está nos atos mais simples e na força de vontade. E se acaso um dia quiser nos visitar, estaremos aqui para recebê-lo.

ESCOLA



# ATÉ QUE GOSTO DAS AULAS DE ARTE, SABE?

CAROLINE DIAS – PIBID ARTES VISUAIS  
ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Era um dia nublado, com aquele vento típico de setembro. Típica também era a vontade de ficar em casa vendo filme e comendo pipocas. A professora foi para a aula como em qualquer outro dia, mas o assunto a ser tratado lhe interessava tanto que o sorriso no canto da boca lhe acompanhava. Ela entrou em aula dando boa tarde e acomodando os materiais sobre a mesa. Os adolescentes quase nunca respondiam.

O conteúdo a ser tratado era patrimônio, e, por menos artístico que parecesse aos estudantes, a professora sabia exatamente a importância de ministrar sobre esse assunto.

A aula começou como sempre. A professora falou sobre o que tratariam naquela aula e fez a seguinte pergunta:

– Vocês sabem o que é patrimônio?

A resposta veio quase que imediata: “herança”. E, mais, veio acompanhada de uma pergunta carregada de más intenções:

– Por que, professora, a gente vai falar sobre isso?

E ela respondeu:

– Se eu conseguir alcançar os objetivos a que me propus hoje, antes de bater o sinal, vocês saberão.

A aula seguiu e, ao mostrar imagens fazendo perguntas exploratórias, questionando o que seria considerado como patrimônio ou não, os adolescentes se surpreenderam. A surpresa maior foi da professora, quando mencionou a escola como patrimônio de todos. Ela falou sobre a preservação do ambiente e de todo o material que ali era encontrado, falou da responsabilidade de todos perante o prédio e da importância que o mesmo tinha na vida de cada um.

O espanto ocorreu quando a professora disse que todo o dinheiro que o governo usava para consertar estragos causados pelos alunos dentro das escolas era um dinheiro de todos, ou seja, os pais e/ou responsáveis são obrigados a doar esse dinheiro e que, em vez dessa quantia ser aplicada em projetos escolares e materiais novos, era usada em consertos e na compra de materiais que eles já possuíam. Nesse momento, o mesmo aluno disse:

– Eu não pago nada professora. Lá em casa nunca sobra dinheiro para essas doações do colégio.

A professora explicou:

– Não é dinheiro de doação, Bruno, é dinheiro de impostos.

Bruno era um aluno inquieto, sentava ao fundo e quase nunca mostrava interesse nas aulas, mas foi neste dia que houve uma revelação. Depois de realizarem uma atividade prática, a professora saiu despedindo-se de todos, satisfeita, claro, e foi nesse momento que Bruno lhe acompanhou e disse: “até que gosto das aulas de arte, sabe?”

Novamente, ela sentiu aquele prazer em que se mostrava com um sorriso no canto da boca e pensou na resposta dada ao aluno mais cedo: “se eu conseguir alcançar os objetivos a que me propus para hoje, antes de bater o sinal, vocês saberão”. Ela teve certeza que souberam.



# RECEITA TEM SEU SEGREDO

MARCIA VON FRUHAUF FIRME – PIBID QUÍMICA

ILUSTRAÇÃO: RODRIGO D. ROMEU

Em uma sexta feira, a professora Luana preparava uma aula em que faria uma atividade experimental sobre polaridade para uma turma de primeiro ano de Ensino Médio.

Procurou nos livros um experimento adequado às condições da escola, sem muita sofisticação a ser feito num tempo de aula. Dois períodos naquele dia. Organizou o roteiro com a listagem do material necessário e os procedimentos a serem realizados pelos alunos. Isso é como uma receita de bolo, pensou Luana. É só seguir os procedimentos e ter o material e a aula será um sucesso. Seguiu arrumando o material para seis grupos, cada um com cinco alunos. Para isso, separou tubos de ensaio, espátulas, espátula para tubo de ensaio, frascos com gasolina, álcool, água, sal, açúcar, naftalina.

Na segunda feira seguinte, os alunos – em grupos de cinco – receberam o roteiro da atividade experimental e pegaram as caixas com seu respectivo material. “Está tudo muito tranquilo”, pensou a professora satisfeita. O trabalho na organização do material foi válido a pena.

De início, colocaram uma pitada dos reagentes sólidos em cada um dos tubos de ensaio e depois em torno de dois mililitros de líquido. E ouviram a professora ressaltar: “não esqueçam de agitar a mistura!”.

Aconteceu, contudo, o que a professora não esperava. O álcool não dissolveu nem sal nem açúcar nem naftalina. Mas solubilizou tanto na água como na gasolina. E agora? A professora confiara em suas teorias que polar dissolve polar e esperava que o açúcar fosse dissolvido. Reclamou para si mesma por não ter testado e ter confiado no livro de onde retirou o experimento.

Não demorou muito, os alunos começaram a questionar. Queriam explicações do porquê de tal surpresa, afinal o sal até poderia esperar porque é um composto iônico, mas a molécula de sacarose é cheia de hidroxilas como a água, então era de se esperar que dissolvesse.

E agora! Como explicar isso? Não falava nada disso no roteiro da atividade. Ao contrário, dizia que, por ser polar, o açúcar dissolver-se-ia bem no álcool. Luana se lembrou, então, de uma aula de sua graduação, lá nas bancadas, quando aprendeu a recrystalizar produtos sólidos. Uma aula bárbara! Lembrou-se da fila de solventes em ordem de polaridade. Era isso. Para solubilizar um composto orgânico como o açúcar, os fatores que influenciavam eram polaridade, forças de atração molecular e do tamanho da cadeia carbônica. Bateu o sinal. Sempre a experimentação em sala de aula leva mais tempo do que estamos acostumados se quisermos que o aluno pense, refletiu Luana. Então, solicitou-lhes que buscassem a explicação ante o inesperado para a próxima aula, quando retomaria o assunto para falar sobre os três fatores que explicavam o porquê da baixa solubilidade do açúcar em álcool. Era polar, certo, mas olha o tamanho da cadeia carbônica! Além disso, as forças intermoleculares eram mais fracas, claro, do que no açúcar. Essas pontes de hidrogênio!

“Ah, nem é mais ponte que se chama, mas lindo nome”, pensou. Não havia ou eram poucas as pontes.

Em meio ao alvoroço na saída para o recreio, Lucas afirmou em bom tom:

– Pessoal, até mesmo uma receita de bolo tem seus segredos. Nem sempre dá certo.

– Mas será que não deu certo?

– Pois é, espero que o bolo da merenda, mesmo se a receita tenha dado errado, esteja gostoso.





# ROBERTO TEM PROBLEMAS

VAGNER PEDROTTI – PIBID MATEMÁTICA

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Em uma escola central da cidade, o professor Carlos foi chamado para lecionar Matemática. Chegou ansioso para começar seu trabalho. Antes de entrar na primeira aula da primeira turma do primeiro dia de aula, ouviu uma conversa de professores sobre um aluno chamado Roberto. Esse aluno era da turma 71, justamente a primeira aula da primeira turma de Carlos.

– Roberto tem problemas para aprender, diz uma das professoras.

– Comigo também. Ele não pergunta nada. Será que ele tem algum problema neurológico? – respondeu o professor enquanto corrigia provas.

– Já conversei com a diretora sobre ele, acho que ele não acompanha o ritmo dos colegas, algo tem de ser feito – disse outro professor, enquanto recolhia o material para ir para a aula.

Carlos então seguiu para sua aula, entrou, apresentou-se e pediu para cada aluno se levantar e dizer o próprio nome. Ao identificar Roberto, observou sua timidez. Não conversava com os colegas. Nas aulas seguintes, o professor notou que o aluno algumas vezes não copiava o conteúdo e não tinha uma frequência constante nas aulas. Seus colegas o chamavam de mudinho e, por vezes, era hostilizado em sala de aula. Carlos não gostava daquela situação e repreendia quem, de alguma forma, agredia Roberto. O professor fazia atendimentos na classe, instigava Roberto a se questionar sobre os conteúdos, ter um pensamento crítico sobre o que era tratado.

Aos poucos, Carlos foi notando que Roberto era capaz de aprender. Tinha realmente uma resposta um pouco mais lenta do que a dos colegas, mas a resposta vinha da mesma forma que os outros alunos.

Certa noite, por acaso, ao andar pelas ruas da cidade, Carlos decidiu entrar em uma lancheria, pois queria comer algo diferente. Quem veio atendê-lo? Roberto!

Comunicativo, simpático e com um raciocínio de dar inveja, fazendo contas de cabeça e atendendo diversas pessoas ao mesmo tempo, o aluno deixou Carlos impressionado. Aquele era um local afastado da escola, de modo que depois de conversar um pouco com seu aluno, o professor descobriu o que acontecia. Roberto morava perto de seu trabalho e longe da escola. Seus amigos estudavam em outras escolas, seu silêncio em aula era por causa do sono que sentia, pois trabalhava até tarde da noite. Tampouco gostava de ir à escola. O sono também atrapalhava Roberto para aprender e fazer novas amizades. Desestimulado, ele não perguntava nada para os professores e, por vezes, nem copiava o conteúdo.

Carlos conversou com os outros professores e disso resultou que Roberto se sentiu mais próximo e mais motivado a ir para escola. Tornou-se bom aluno em todas as disciplinas, mostrando que a atenção e escuta do outro é importante para o sucesso na escola.



# PARA CADA PERGUNTA UMA RESPOSTA A SER ENCONTRADA

TATIANE SUITA MACHADO – PIBID PEDAGOGIA  
ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

Esta história aconteceu há muitos anos, em um lugar distante...

– Opa! Espere, história errada!

Esta história aconteceu em uma sala de aula cheia de crianças sabidas, das quais poderia dizer-se: “O Ministério da Educação adverte: depois de ter contato com elas você corre um grande risco de não querer largá-las!”.

Tudo começou quando entramos na sala de aula do primeiro ano, as crianças se sentaram no tapete foram logo dizendo:

– Bom dia sol, bom dia flores, bom dia todas as cores!

Comecei a fazer a chamada e Júlia me corrigiu:

– Professora, não é assim que se faz a chamada!

Quisera eu demonstrar às crianças que sabia o que estava fazendo, afinal era meu primeiro dia com elas e respondi:

– Hoje nós vamos fazer de modo diferente.

Segui a aula. Lembrei-me do livro que havia trazido para dar sequência ao trabalho. Ao retirá-lo, da mochila ouvi:

– Professora, tu és estudante?

Ouviam-se comentários sobre minha mochila.

Sem pensar muito, respondi:

– Sim. Nós professores temos de estudar para ensinar melhor nossos alunos!

Comecei a contar a história e todos aqueles olhinhos prestavam atenção em cada detalhe. Em uma parte do relato, o rei mandava sacrificar uma moça. Então, expliquei-lhes que sacrificar é quando a pessoa morre. Então, Marcos quis saber mais:

– Assim como Jesus?

– Que Jesus? O da igreja? – perguntou Edir. E logo respondeu:

– Jesus não mata!

– Não! Jesus morreu! – disse Marcos.

Continuei contando a história, já que eles entenderam-se quanto ao diálogo. Hora do lanche. Saímos da sala e fomos em direção ao refeitório. Uns escorregavam pelo chão, outros se empurravam, fora os que corriam na frente! E eu lhes pedia:

– Crianças, esperem, crianças não se empurrem! Mas ninguém me ouvia.

Na volta, ocorreu o mesmo. Então, pensei que precisaria fazer alguma coisa, caso contrário, não me respeitariam.

– Vamos direto para sala de aula, disse eu.

E uma voz me disse:

– Mas agora é o recreio!

Ao chegar à sala, pedi para todos sentarem e comecei meu discurso:

– Vocês acham legal sair correndo, empurrando-se pelos corredores da escola? Vim aqui para fazer uma atividade com vocês.

E uma das crianças dizia:

– Eu não tava correndo, eu tava do teu lado!

– Sim, eu sei – disse eu.

Ela argumentou:

– Mas tu tá falando vocês!

Nossa! Criança diz cada uma! Mas acabou aqui!

Depois do recreio, a aula era com a professora Belinha. Estava fazendo algumas anotações, quando Jackson me falou:

– O que tás copiando?

– A nossa conversa, respondi.

– Quem copia não aprende, disse ele.

Tratei de me justificar, diante daquela afirmação.

– É que estou copiando do pensamento, essas palavras não estão escritas na sala.

Mas ele me olhou firme e fez uma cara de quem pensou: vou fingir que acredito.

E foi assim que nesse belo dia ensolarado tudo começou! Pois é, aqui está somente o começo de uma história que deixou marcas, que me possibilitou viver a docência. Esses são alguns atores que me ensinaram a ser professora. Por isso, não vamos nos automedicar, vivamos a docência. Afinal, o maior risco é de nos apaixonarmos pela profissão!



# ANTÔNIO, DESLIGA A TV!

BRUNA LIEZE MORI – PIBID INGLÊS  
ILUSTRAÇÃO: RODRIGO D. ROMEU

A escola estava malcuidada; a infraestrutura, comprometida, as salas de aula estavam em situação precária e não suportavam um grande número de estudantes. Os professores trabalhavam junto com a população local em busca de melhorias significativas para aquela escola. Uma escola limpa e organizada era tudo o que eles queriam.

Antônio, adolescente inquieto de quinze anos de idade, ao escutar propaganda política na televisão, questionou sua mãe sobre a atuação do prefeito da cidade, candidato à reeleição.

– Mãe, se na propaganda ele diz que preza tanto a educação, por que ele não investe em melhorias nas escolas que precisam urgentemente de reparos, como é o caso da escola do nosso bairro?

A mãe de Antônio ficou feliz em saber que o filho se preocupava com a situação atual do bairro onde vive e, principalmente, ficou feliz em ver que o filho não era um adolescente alienado. Ao se preparar para responder a pergunta, ela percebeu que não tinha uma resposta, só tinha mais dúvidas a respeito do assunto.

– Claro que existem as exceções, meu filho, mas acredito que os políticos não investem na educação, porque educação é poder. Conhecimento é fundamental na hora de argumentar e exigir o que eles prometem nas vésperas das eleições.

– Então, mãe, a senhora quer dizer que eles não melhoram a educação do país porque seria um tiro no pé. É como se eles investissem no inimigo.

– É, meu filho, um povo alienado é tudo o que eles precisam, fica mais fácil manipular. Por isso digo que o estudo é o melhor jeito de sair da miséria.

– É, mãe, agora eu entendo o que tu quer dizer quando me manda desligar a televisão e estudar.



## QUE BICHO É ESSE?

NICOLE MANZKE – PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA  
ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

Durante uma de minhas aulas na Escola Cidade do Rio Grande, CAIC, com uma turma de segundo ano da educação infantil, realizávamos a atividade “siga o mestre”, na qual os alunos seguiam o mestre e imitavam o bicho que o da vez escolhesse.

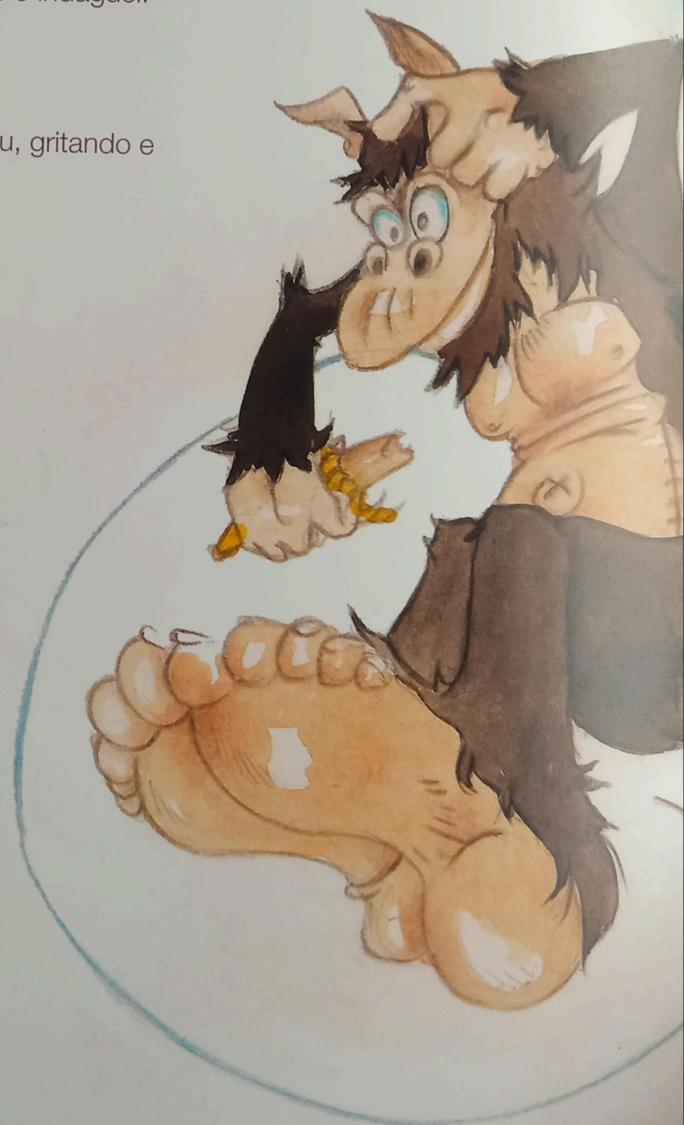
Como o mestre estava em constante mudança, todos deveriam falar e escolher um ou dois bichos. Em meio a tanto bichos citados, passando pelos mais comuns como gato, cachorro, até os mais distantes de nossa realidade como zebra, leão, um aluno escolhido mestre repentinamente gritou para a turma: macacuru! A turma toda ficou em dúvida, inclusive eu, que o indaguei:

– Que bicho é esse?

Ele prontamente respondeu:

– É uma mistura de macaco com canguru, “prô”.

Depois de muitas gargalhadas, todos saíram imitando o macacuru, gritando e coçando a cabeça feito macacos e pulando feito cangurus.





# UMA RECEITA PARA CECÍLIA

ANDRESSA DOS SANTOS GALVÃO – PIBID PORTUGUÊS

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

As aulas de língua portuguesa eram as preferidas de Cecília. Geralmente, ela não faltava às aulas, era estudiosa e participativa de tudo, assim, suas notas eram excelentes. Nos últimos dias, contudo, ela estava muito dispersa, não prestava atenção às aulas e nem participava, com seus comentários sempre bem oportunos. Pensando nisso, a professora de língua portuguesa resolveu fazer um trabalho diferente, de modo que lhes pediu uma produção, pois a ideia era produzir uma receita, mas não uma receita de comida, eles deveriam soltar sua imaginação e criar receitas que curassem as dores das pessoas.

Pois bem, um dos alunos, o colega mais próximo de Cecília, chamado Bernardo, lembrou-se de que ela perdera um ente querido e isso a deixara triste e distante dos seus colegas de aula. Pensando nisso, produziu a seguinte receita:

Receita para voltar a sorrir

Ingredientes:

- uma porção de amigos;
- brincadeiras à vontade, pois sentimentos escondido não traz felicidade;
- ter um pouco de paciência, pois a dor irá passar. A tristeza é um sentimento que o tempo irá curar;
- sorrir mesmo sem vontade;
- correr, pular, sentir a liberdade;
- gritar, chorar, isso faz parte. Por isso, o brigadeiro é à vontade;
- apegar-se a algo que lhe dê conforto;
- dar um sorriso ao dia, mesmo que seja torto;
- lembrar-se de tudo que já lhe fez feliz.

Isso é tudo que a receita diz!

Modo de preparo:

- usar e abusar dos ingredientes, mas com relação ao brigadeiro, não se esquecer de escovar os dentes.

Após escrever sua produção, Bernardo pediu à professora para expor sua receita. Ao final da leitura, percebeu que todos estavam comovidos com seu texto, e principalmente Cecília, que logo percebeu que seus colegas não eram indiferentes ao seu sofrimento e que ali havia conquistado mais do que apenas colegas, mas também amigos, e agora era só seguir a receita.



## ACONTECEU NA ESCOLA

GRACIELE RIBEIRO – PIBID GESTÃO ESCOLAR  
ILUSTRAÇÃO: VINICIUS RODRIGUES

Era uma tarde bonita de sol. Fazia um frio gostoso. A escola estava calma, pois as crianças descansavam do almoço. Em breve, eu teria de abrir os portões para a entrada das crianças que viriam para o turno da tarde.

A primeira criança que avistei foi Joãozinho. Esse menino era uma das crianças da Educação Inclusiva e vinha me preocupando fazia tempo. Não via melhoras, continuava agitado e oferecendo risco para seus coleguinhos.

Nesse dia, resolvi pedir para a mãe entrar e me colocar os motivos de tanta agitação, porque seria a partir daquela conversa que tomaria minhas atitudes para ajudar a classe e a professora responsável pela turma.

Quando a mãe entrou na secretaria, sentou-se, olhou para mim e perguntou:

– A senhora me chamou aqui para ver se meu menino está tendo alguma reação positiva com os métodos empregados pela escola?

Eu a olhei e resolvi aceitar a proposta de interlocução, por isso respondi:

– Isso mesmo! O que tens para me contar sobre o andamento do teu filho?

Ela deu um sorriso que iluminou toda a sala e respondeu:

– Diretora, meu filho está muito bem! Quando digo que devemos nos arrumar para irmos para a escola, ele fica feliz e faz tudo com presteza. Ele gosta de estar aqui.

Na hora fiquei muito preocupada. Como dizer para uma mãe que a escola estava com dificuldades de conter os ataques de agressividade de seu filho depois daquela explicação?

Resolvi começar o assunto com cuidado. Perguntei quais as melhorias que ela percebera durante aquele semestre. Ela respondeu que o menino estava bem mais tranquilo, que gostava de pintar e, às vezes, passava horas nessa atividade. Antes, não parava nem um minuto entretido com nada.

Aí me atrevi a dizer que achava estranho, pois na escola ele agia exatamente assim. Não conseguia parar um minuto sequer e, algumas vezes, as crianças dentro da sala também se agitavam por causa desse fato.

A mãe sorriu e disse que o menino estava feliz em estar em sala de aula. Explicou que ele gostava bastante dos horários que passava na companhia dos amiguinhos e que quando estivesse muito agitado era preciso apenas dar uns pincéis e umas tintas que ele se acalmava.

Duvidei, mas estava pronta para resolver aquele contratempo e resolvi fazer o que a mãe falou. Quando ela saiu, chamei a professora responsável pelo menino e pedi para que ela fizesse a experiência e, no final da aula, viesse me dizer o resultado. No término da aula, uma professora sorridente chegou até mim dizendo que o menino tinha se tranquilizado com aquele exercício e que após, até participou das outras atividades. Ela olhou para mim e perguntou se eu era mágica.

Olhei para ela e respondi que a vida é mágica, que o mundo é feito da magia da troca e que, toda vez que temos algum problema, a melhor maneira de resolvê-lo é usando essa sabedoria. Naquele momento, a professora demonstrou não ter entendido muito bem, mas, no decorrer da semana, quando fizemos nossa reunião pedagógica, usei aquele modelo para exemplificar que uma escola é feita de pessoas e que essas eram todas as pessoas da escola, inclusive os pais. Expliquei o que tinha acontecido e falei da importância do diálogo para solucionarmos das pequenas às grandes dificuldades que ainda teríamos pela frente, mas era na união que acharíamos forças para tanto.



# UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

LAÍS DOS SANTOS DE MORAES – PIBID ESPANHOL  
ILUSTRAÇÃO: RODRIGO D. ROMEU

No ano de 2008, ainda no primeiro ano do ensino médio, uma menina se descobriu grávida. Foi um grande choque seguido de muito medo de como seria essa nova realidade, essa grande mudança.

No início, tudo foi muito difícil, mas, o pior ainda estava por acontecer. Quando ela voltou à escola depois de alguns dias, poucas pessoas sabiam da novidade. Como tudo se espalha rápido, logo ficaram sabendo da gravidez e foi quando tudo piorou. Essa menina valorizava muito suas amizades, mas, ao saberem do que acontecia, muitas pessoas se afastaram dela. Isso fez aquela situação, que já era difícil, piorar ainda mais.

Quando as coisas começaram a se acertar, quando a menina pensava que tudo estava tomando seu rumo e que nada mais de ruim aconteceria, surgiram outros problemas. Os pais de alguns de seus amigos não queriam que eles ficassem perto dela porque estava grávida aos quinze anos e, ainda mãe solteira, sendo que esses amigos foram os que ficaram do seu lado, mesmo depois que muitos se afastaram.

Foi muito difícil aguentar tudo o que aquelas pessoas falavam a seu respeito. Eram palavras duras, que a faziam se sentir a pior pessoa do mundo, mas, apesar de tudo, ela conseguiu seguir em frente porque, mesmo ao ignorar o que seus pais falavam, os seus amigos verdadeiros continuaram a seu lado, dando apoio e momentos de alegrias diante de toda aquela fase difícil.

Foi no dia 14 de outubro de 2008 que, ao pegar seu filho nos braços pela primeira vez, ela decidiu que a partir daquele dia tudo seria diferente. Naquele momento seu único pensamento era dar um bom futuro para seu filho.

Enquanto muitos diziam que não continuaria os estudos, ela foi persistente e determinada. Ia todos os dias às aulas. Nos intervalos, amamentava o seu bebê. Conforme o tempo passava e chegava o fim do ensino médio, surgia a preocupação de qual caminho seguir, até que a menina, que já era uma mulher, decidiu que queria ser professora.

Agora ela é uma profissional que tem a oportunidade de trabalhar na escola de onde veio. Aquelas pessoas que um dia a criticaram percebem o que ela é hoje e que tudo o que eles falaram não passava de puro preconceito. Hoje, essas pessoas são obrigadas a reconhecer a sua determinação, pois aquela que era criticada por eles agora trabalha com os seus filhos.

Hoje, aquela menina é uma mulher, uma mulher forte e determinada. Foi assim que a vida lhe ensinou. Apesar de tantas críticas e decepções, ela não se deixou abater e continuou, e continua, lutando pelos seus objetivos.



## OS TRÊS MENINOS

LUANA NUNES – PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA  
ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Eram três garotos/Os nomes não importavam/Os três garotos do canto/Eram assim que os chamavam

Eles sempre me intrigavam/Acho que todos conseguiam notar/Pois por mais que fossem unidos/Não paravam de brigar

Um dia me sentei junto a eles/Para que pudéssemos conversar/E então responderam minha pergunta/Do que gostam de brincar?

Eu gosto de jogar videogame/E os outros dois concordaram/Eu prefiro trocar cartinhas/E os três com a cabeça acenaram

Decidi refazer minha pergunta/Pois achei que não tinha ficado explícita/E o que vocês gostam de fazer/Nas aulas de Educação Física?

Por um breve tempo/Em silêncio eles ficaram/E depois desse tempinho/Os três me explicaram

A gente não gosta de fazer nada professora/Só gosta de ficar aqui no banco/E por mais que eu tentasse esconder/Não consegui segurar meu espanto

Vocês não gostam de nada, nadinha mesmo?/Perguntei com algum rancor/Tem de haver alguma coisa/Futebol, pega-pega ou caçador

Para falar a verdade/Eles nem me deram atenção/Pra mim foi diferente/Ficou guardado no coração

Mas criança é assim mesmo/Quando expressa sua opinião/Com poucas palavras faz você refletir/E toca fundo no seu coração

Assim vou aprendendo a cada dia/Que mesmo com obstáculos devo prosseguir/E aos poucos vou escalando minha montanha/Pois na vida o que mais vale é persistir.



## O MISTÉRIO DAS MAQUETES

ROSANNA IASINIEWICZ – PIBID BIOLOGIA  
ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

Estávamos na Escola José Oliveira em um trabalho sobre os biomas do Brasil. Os alunos desenvolveriam maquetes com gravuras, desenhos próprios, animais em miniatura, ervamate que ilustrava o verde e tudo mais. O trabalho estava sendo feito aos poucos, durante dois meses, pois nos encontrávamos uma vez por semana. A cada semana a produção ganhava vida. Percebíamos sua evolução a cada inserção de gravuras ou de qualquer outro material. Estávamos representando o Cerrado, o Pantanal, a Mata Atlântica e a Floresta Amazônica.

Nosso objetivo com esse trabalho era, em um sábado temático, apresentar para a escola uma explicação sobre os biomas que estavam ilustrados em cada maquete. Após um mês e meio de trabalho, em fase de conclusão, nossas maquetes haviam sumido. Para nosso espanto, simplesmente desapareceram da sala especial onde estavam guardadas. Muitos de nós procuramos as maquetes por toda a escola, em cada cantinho escuro e nada!

– Elas sumiram, professora. E agora, o que vais ser de nós?

Com muita tristeza, não tínhamos o que fazer, pois procuramos e não achamos em lugar nenhum. Muito intrigados, os alunos começaram uma investigação, estilo policial, para tentar solucionar o caso das maquetes. Todos que estavam dentro do prédio não poderiam sair sem antes responder as perguntas dos alunos investigadores. Passaram o dia inteiro interrogando integrantes da escola: diretor, orientador, pessoal da limpeza, pessoal da cozinha, alunos, professores e o pessoal da portaria. Já estava tarde, quando um aluno que era louco por maquetes confessou o “crime”! Os alunos investigadores fizeram tantas perguntas que o colecionador de maquetes não teve escolha e confessou:

– O culpado sou eu!

Espantados, os investigadores perguntaram o porquê do crime. O culpado declarou que gostava demais de maquetes. Quando viu a porta da sala especial aberta com tantas de suas paixões, ele teve a ideia de pegá-las e guardá-las em sua casa, onde ele colecionava esse tipo de trabalho. O colecionador de maquetes pediu perdão e as devolveu para seus colegas.

Mas o caso ainda intrigava os alunos, pois eles se perguntavam como o garotinho conseguiu tirar as maquetes da escola. Ele confessou. Teve ajuda de alguém que não disse de jeito nenhum aos investigadores quem era, mas esse alguém misterioso, com pena do menino carregar as maquetes, o ajudou a levá-las para casa. Os investigadores não quiseram denunciar o garotinho para a diretora, pois seria uma pena muito cruel, caso de suspensão da escola. Eles só pensavam em terminar suas produções, que com tanto orgulho criaram, e apresentá-las ao conjunto da escola.

O sábado temático foi um sucesso. Todos gostaram muito do que viram. E o menininho que levava as maquetes se redimiu ajudando os colegas a explicar cada bioma representado.





Biomassas do  
Brasil

- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

## O DESABAFO

RAPHAEL RUBENS VIEIRA DIAS – PIBID EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

No ano passado, tive uma experiência humana ímpar – e desoladora –, dentro da escola. Enxerguei o mundo através das palavras de uma criança atormentada.

Aconteceu após o término de uma aula.

Na ocasião, notei que havia uma folha de caderno amassada em cima de uma cadeira. Resolvi investigar. “Desamassei” a folha e o que encontrei foi o seguinte: “Hoje não tenho o que comer em casa. De novo. O pai ainda não conseguiu trabalho e a mãe ainda tá no hospital. Sinto-me muito mal. Às vezes acho que vou desmaiar. O jeito é ficar na escola o dia todo...”.

Havia muito mais na escrita, o suficiente para deixar qualquer pessoa profundamente melancólica, porém, vou me limitar a essa passagem. As pessoas já “sabem” disso, não é? E o que é pior: Já se “resignaram”.

A profissão de docente é a mais complicada do mundo. A gente tem de entrar na mente das pessoas e encarar os detalhes, quase sempre sem nenhum preparo para isso. É surreal. É como se o peso do mundo estivesse em nossas costas.



## COISAS DE CRIANÇA

MARGARETE ALBERNAZ TEIXEIRA – PIBID GESTÃO ESCOLAR  
ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Numa linda tarde, Clarinha entra na secretaria chorando muito, trazida pela merendeira da escola.

– Olha diretora, encontrei Clarinha chorando sentada na escada, diz a merendeira.

A diretora se levanta da cadeira e pergunta à menina:

– O que foi minha linda? Por que você está chorando desse jeito?

Clarinha responde:

– Foi o Paulinho. Ele me chamou de gorda.

– Mas isto não é motivo de choro! Olha só, eu sou gorda e feliz! Você é muito bonita e o importante é que você é inteligente, estudiosa e dança muito bem, diz a diretora.

Nesse momento, a professora adentra a secretaria trazendo consigo o aluno Paulinho. A diretora pergunta então:

– Por que você chamou a Clarinha de gorda?

– Porque ela é gorda mesmo, responde Paulinho.

– Você também é gordinho Paulinho, exclama a professora.

– É, mas ela é mais gorda do que eu. E eu sou menino!

A diretora então explica que Clarinha parece ser mais gorda porque é mais alta.

– Vá lá Paulinho, peça desculpa a Clarinha e dê-lhe um grande abraço, ordena a diretora.

– Bom... desculpa aí Clarinha, não vou mais falar que você é gorda!

– Obrigada, respondeu Clarinha, enxugando as lágrimas.

– É, mas abraçar, não abraço não, porque sua cintura é muuuuito larga!



## PROFESSOR, O QUE É UM MODELO?

JONATAS SOUZA DA SILVA – PIBID QUÍMICA  
ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

– Olá pessoal, boa noite! Hoje falaremos sobre grandes cientistas que marcaram seus nomes na história, com as ideias que tiveram e trouxeram ao meio científico para tentar descrever um átomo. Falaremos sobre Dalton, Thomson e Rutherford e seus modelos atômicos. Tudo bem, turma?

A turma permaneceu calada enquanto observava o professor, com ar de incerteza sobre o que realmente significava 'aquilo' que o professor havia comentado logo no início da aula.

O professor desenvolvia o conteúdo da mesma maneira irrefutável, construída nos anos de docência. Usava dos mesmos exemplos e da forma de apresentar aquelas ideias tão "simples" sobre os experimentos dos cientistas e suas propostas de modelos atômicos.

A turma passiva, até então, concordava com as ideias do professor, sem questioná-lo. Foi então que uma aluna no fundo da sala, incomodada por não estar acompanhando as argumentações e colocações do professor, perguntou:

– Mas professor, o que é um modelo?

A sala silenciou por um instante e o professor interrompeu suas explicações. Pensando consigo, não via forma de explicar algo tão "banal", mas, ao mesmo tempo, tão difícil de esclarecer de outra maneira ou com outras palavras diferentes de "Modelo é uma representação, uma forma de descrição".

Pensou numa forma de tornar "prática" a resposta à aluna. Prontamente, colocou um objeto oculto à turma dentro de um estojo maleável, pediu que a turma tentasse identificar o objeto, de acordo com o que achasse que pudesse ser conforme o tato de cada um.

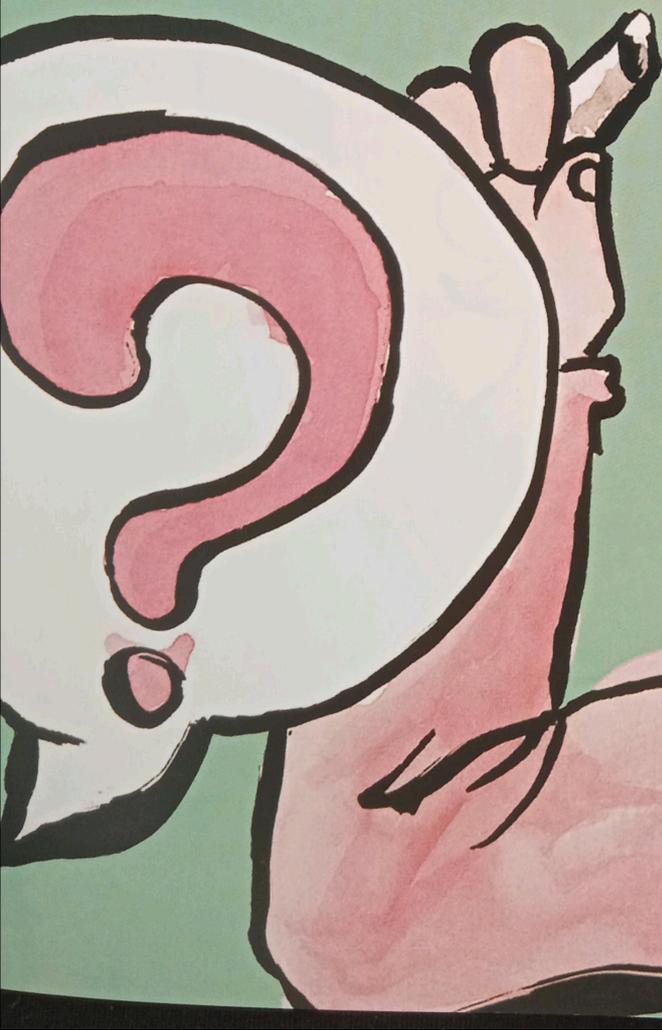
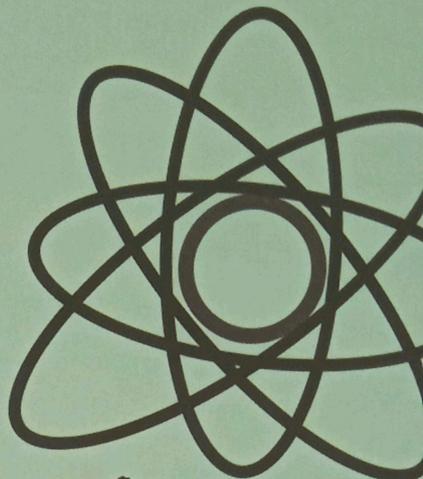
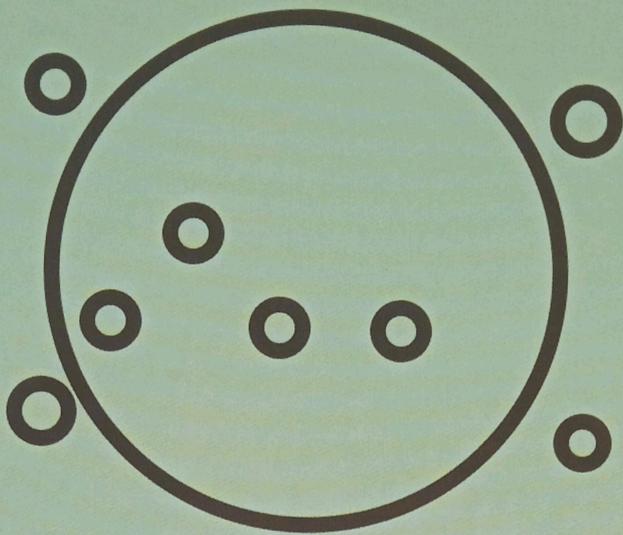
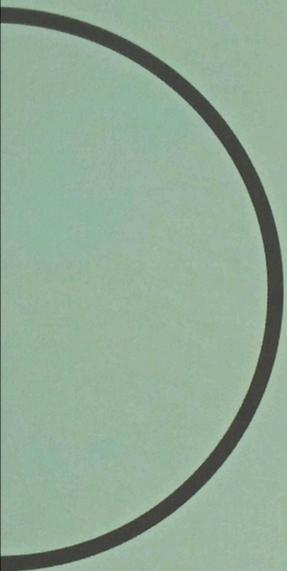
Ao final, com as diferentes opiniões dos alunos, parecia que dentro da caixa deveria haver um parafuso. Mas não se podia abrir a caixa para ver o que havia dentro dela, afinal, no caso dos modelos atômicos, não se pode enxergar o átomo e o modelo é construído sempre pode estar mudando. A ideia de um modelo ficou mais clara para a aluna e o professor considerou ter feito uma boa associação com o modelo atômico, porque muito se fala no átomo, mas nunca pode ser visto um.

Ao voltar para a casa, o professor não parava de pensar em quantos outros alunos e ex-alunos puderam ter aquelas mesmas dúvidas e nunca o questionaram. E que sua aula, de tantos anos, poderia não ser tão "perfeita" e simples como ele pensava. Era esse mesmo o conteúdo importante a incluir em sua sala de aula, pensou coçando o cavanhaque.

ON

THOMSON

RUTHERFORD



# CARNAVAL FORA DE ÉPOCA

EMANUELLE RODRIGUES – PIBID PEDAGOGIA

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Após observar a turma na qual eu daria aula, finalmente, chegou o meu dia. Ansiosa e preocupada, pensei por horas a fio em uma atividade que pareceu para mim interessante e descontraída. Com a dinâmica de conhecer melhor os alunos, pensei: "criança adora estourar balões". Coloquei perguntas e micos dentro de cada um deles e, para que a atividade ficasse mais divertida, coloquei confetes de papel dentro dos balões.

Assim, ao ser estourado o primeiro balão, euforia entre os alunos, todos gritavam ao mesmo tempo:

- Agora eu!
- Agora é minha vez!
- "Sora", deixa que eu seja o próximo?

Os alunos respondiam as perguntas, participando dos micos e interagiam comigo. Tudo parecia perfeito, até que, Ana juntou um monte de confetes do chão e os jogou para cima dizendo:

- Olha, até parece carnaval!

Foi aí que me dei conta que a sala estava repleta de confetes, e que eles se espalhavam rápido. Depois de alguns segundos em choque, olhei para os lados e todos estavam agachados juntando os confetes e jogando-os para cima. Felizes, eles gritavam:

- Urru! Parece sim carnaval!
- Eu adoro confetes, eles voam bem alto!

E quanto mais eles jogavam, mais se espalhavam. Em um ato de desespero, pois ninguém mais me ouvia nem respondia nada, pensei: preciso fazer algo, para que eles se acalmem, então comecei a gritar:

- Pessoal, pessoal!

Até que em coro eles responderam:

- Faaala "sooora"!
- Pessoal vi que vocês estão gostando da atividade? Que tal sentar e fazer um desenho bem bonito sobre ela?
- Tááá bom! Disseram com resignação.

No primeiro momento, caras feias se viravam para mim, mas, depois de começarem a desenhar, as carinhas foram melhorando e os benditos, aliás, os malditos confetes esquecidos. Enquanto eles desenhavam, eu olhava para a sala sem saber o que fazer. Logo, achei que era melhor solução fugir na hora do recreio, antes que a professora voltasse. Mas, fugir já no primeiro deslize? Não seria a melhor ideia, "vou ter de esperar e ver no que vai dar".

O recreio terminou. E ao encontrar a professora, ela perguntou:

- E aí como foi lá? Tudo bem?

A vontade de fugir reapareceu e um frio na barriga tomou conta de mim. Quase não consegui responder, mas criei coragem e disse:

- É... Mais ou menos.
- O que foi? Eles não participaram?

Com um sorriso "meia boca", respondi:

- Não, imagina! Eles participaram e muito.
- Então não entendi – disse a professora.

Antes que ela fizesse mais perguntas e antes que chegássemos à sala, respirei fundo e, morta de vergonha, tratei de contar que a sala estava uma baderna. Foi nesse meio tempo que chegamos à sala.

Quando a professora abriu a porta, meu coração disparou, eu me explicando falei:

- Eu avisei que estava assim!

Foi quando ela me perguntou:

- Eles participaram? Gostaram?
- Sim, eles até me contaram outros fatos que não estavam nas perguntas dos balões.

Nessa hora, ela me olhou e ensinou-me a minha primeira lição como futura docente:

- Nem sempre uma boa aula é aquela que os alunos estão de cabeça baixa copiando, todos quietos e organizados, nem sempre o que planejamos dá certo, o que tu precisas entender é que estás lidando com sujeitos que pensam e agem, e que, mesmo com a bagunça teus objetivos foram alcançados. Depois do que ela me disse, percebi que, apesar da confusão com os confetes, a aula tinha sido muito legal.



## SAÍDA DE CAMPO

LUCIANI WIENKE BEIERSDORFF – PIBID EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

Segunda-feira, dia do professor, levantei às seis e meia da manhã. Cheguei às sete e meia na Universidade. Havia bastante gente no Centro de Convivência. Não vi ninguém de conhecido do PIBID - Educação Ambiental. Ao sentar-me para ver os e-mails, senti que alguém me tocava o ombro. Era o Fábio, que já havia chegado.

– Somente nós? E onde está o resto da galera? Virá na parte da tarde?

Nisso, chegou a Simone, enchendo de ânimo o grupo. Juntou-se a nós um amigo do Fábio, o Seno. E ficamos a esperar por mais alguns. Era o dia da saída de campo. E fomos, mesmo que não com todos. O ponto de partida estava alagado. Tudo de baixo d'água! Resolvemos desmarcar a saída da parte da tarde. Mas continuamos a caminhada pelo campus. Deixamos o Seno na novíssima casa do estudante e seguimos nos afastando dos prédios de sala de aula. Lá, descobrimos outra Universidade, um universo diferente. Dunas, lagos, árvores, formigueiros e lixo, o que nos preocupou muito. Terminamos nossa saída de campo voltando pela nova estrada, com saída nos Carreiros.

Diante do que vimos, concluímos que deveríamos, nós do PIBID-Educação Ambiental, levar os alunos da Universidade para conhecer melhor o campus e seus arredores e, posteriormente, os alunos das escolas – para que conhecessem este local pouco visto por muitos deles. Assim, poderíamos, talvez, fazê-los refletir e tirar as suas próprias conclusões sobre onde vivem.





# CURIOSIDADES SOBRE O MUNDO GEOGRÁFICO: A INTEGRAÇÃO DOS SABERES

ALESSANDRA TERESINHA PACHECO DE SOUZA – PIBID GEOGRAFIA  
ILUSTRAÇÃO: RODRIGO D. ROMEU

Nas quintas-feiras, na Escola França Pinto, minhas colegas de PIBID e eu dividimos as tarefas na sala ambiente “Espaço e Memória”, onde desenvolvemos a práxis e a mediação dos conhecimentos geográficos, contribuindo para a aprendizagem dos alunos de uma turma do oitavo ano.

Em uma manhã, explicávamos sobre a dinâmica física e as diversidades da formação do continente americano. De repente, um aluno levantou a mão e perguntou:

– Ô “sororas”, vocês conhecem a cidade de sal?

Alguns colegas começaram a rir, enquanto outros falavam:

– Tinha que ser tu, de novo, Menestrel!

Nesse meio tempo, outro aluno, aproveitando o alvoroço da aula, disse:

– Ah, professoras! Se largarem um montão de dinamite, lá no Polo Norte, e explodirem, acho que o eixo da Terra vai mudar de posição!

Sem dar o tempo necessário às professoras, um terceiro aluno perguntou:

– Tá, “sororas”, e se explodir os dinamites, como é que fica o outro lado do planeta, o Polo Sul?

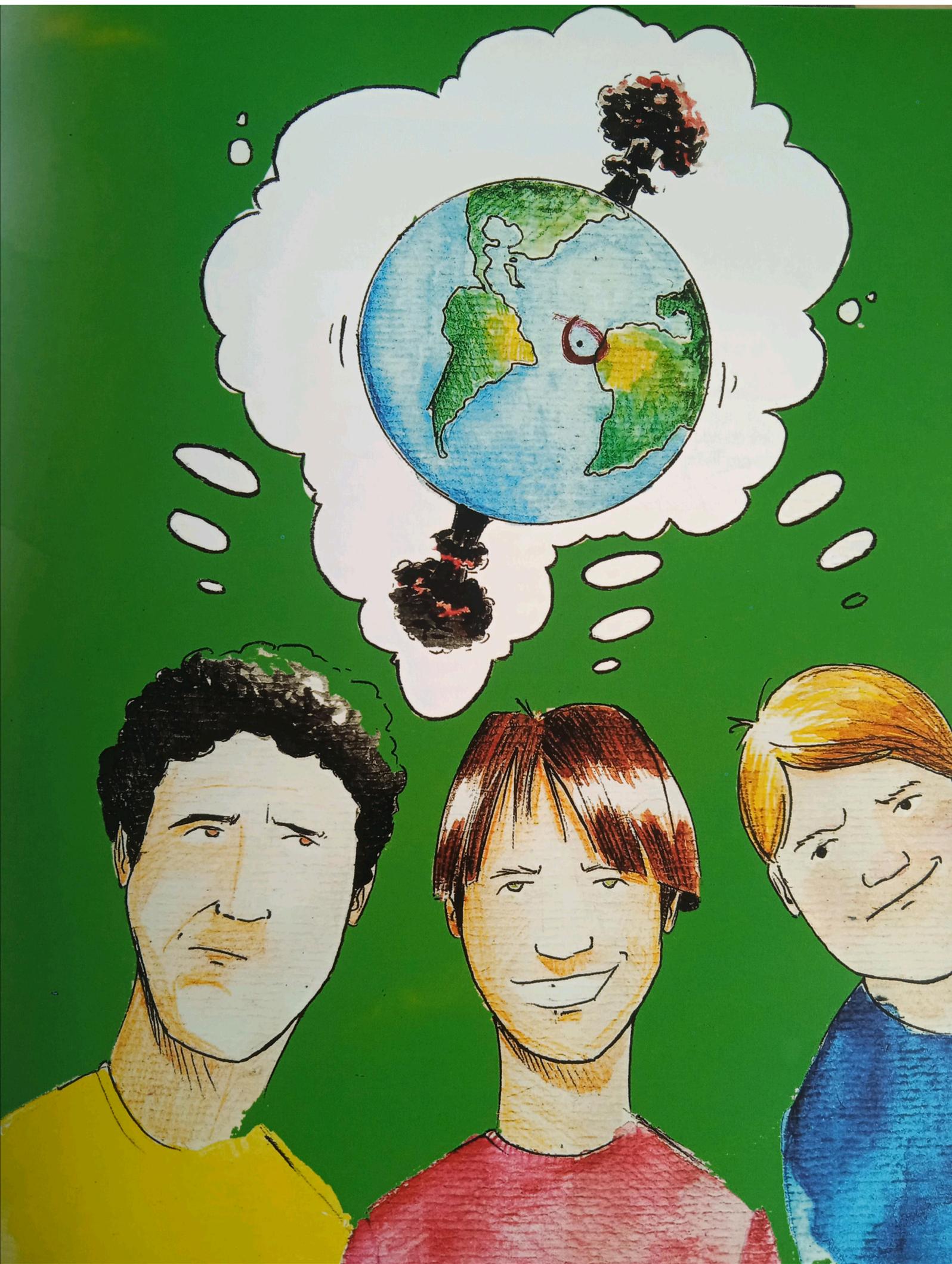
Então, a professora pediu calma para a turma e que todos prestassem atenção para as explicações.

Por etapas, explicamos cada pergunta feita. Sim, realmente, em Cabo Verde, existe uma ilha que, desde o século XIX, é explorada com a extração do sal para o comércio. Sim, no Chile existem as salinas denominadas por Salar de Atacama.

Sobre a questão relativa aos explosivos nos Polos e a mudança do eixo da Terra, respectivamente, disse-lhes que talvez estejam assistindo a muitos filmes de ficção científica e, segundo, alguns cientistas, realmente, notificaram que o eixo da Terra pode estar se movendo, devido aos terremotos que sempre aconteceram e acontecem pela dinâmica das placas tectônicas. Esse deslocamento de eixo pode aumentar a velocidade da rotação terrestre. E, mais, a Terra é um geóide, parecida com uma esfera, porém, tem seus polos achatados.

Após os esclarecimentos, pedimos para que os alunos pesquisassem suas curiosidades e trouxessem na próxima aula para discutirmos sobre esses assuntos.

Diante de tantos interesses, a aula seguiu o seu ritmo e mais um dia foi cumprido com alegria, dinamismo e autonomia. A sala de aula é um espaço para se refletir. Os conteúdos, a depender do ponto de vista de cada um, podem se tornar processos complexos. Mas, a oportunidade que todos têm de compartilhar os diálogos, sobre a natureza dos fatos é um momento único que tem o seu valor para a constituição de cada sujeito. Pois compreendo que o ser humano constrói o seu conhecimento voltado para a própria identidade. Investiga e modifica o espaço em que vive pela sua própria ação de construir, desfazer e reconstruir, numa interação que reflete a sua cultura.



## APRENDER MAIS COM...

ZÉLIA MARIA CARVALHO RODRIGUES<sup>1</sup> – PIBID MATEMÁTICA  
ILUSTRAÇÃO: RODRIGO D. ROMEU

<sup>1</sup>Agradecemos à professora Zélia pelo compromisso, organização, carinho com que acolheu nossos estudantes em sua sala de aula e escola. Em algum lugar, ela continua o que aqui não pode mais fazer: estar com alunos a ensinar. O pessoal do PIBID é grato poder ter convivido com a professora Zélia.

Era uma vez uma professora chamada Maria, que trabalha no EJA.

Certo dia, ao chegar à escola, no momento em que entrava na sala de aula, observou que os estudantes, adolescentes, Rodrigo e Leonardo, levavam um sermão de dois colegas mais velhos. Estes colegas eram estudantes que não tiveram a oportunidade de estudar quando tinham a idade de Rodrigo e Leonardo e agora não queriam perder tempo com brincadeiras.

Maria ficou surpresa com a atitude de ambos e, quando perguntou aos dois mais velhos o que acontecia, ficou ainda mais surpresa.

– Nós “adotamos” o Rodrigo e o Leonardo, disseram. Eles não sabem se comportar em aula e nem querem realizar as tarefas solicitadas pelos professores. Tivemos a ideia de adotá-los para exigir que estudem e respeitem colegas e professores, frisaram.

Os “pais adotivos” estavam sempre fiscalizando os dois meninos, observavam suas atitudes e, caso alguma não estivesse de acordo, na hora era chamada a atenção.

O interessante foi que os dois adolescentes passaram a respeitar os “pais adotivos” e esperavam uma atitude deles sempre que faziam algo sabidamente diferente do esperado como adequado.

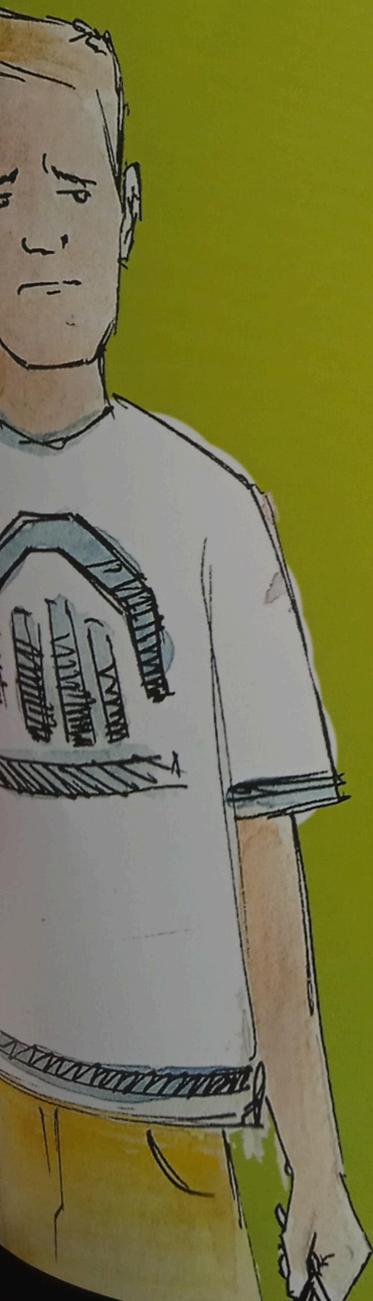
Essa turma foi especial exatamente por causa dessas atitudes diferenciadas que criavam em sala de aula.

Foi uma turma de jovens e de adultos que não toleravam exagero nas brincadeiras, muito menos falta de respeito.

Queriam mesmo era aprender. Eles estabeleciam as regras e exigiam seu cumprimento. Os adolescentes não tiveram outra maneira senão entrar no ritmo e obedecê-los.

A professora Maria gostou muito de trabalhar com esses estudantes, pois, além de ajudar a manter a atenção e aproveitar melhor o tempo de aula, eles mostraram, através de atitudes como esta, que existem diversas maneiras de conduzir uma aula, com indivíduos de idades e comportamentos tão diferentes.





## PIXAÇÃO NÃO!

SAMANTHA ÁVILA PINTO – PIBID ARTES VISUAIS  
ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

O ano chegava ao fim, o calor já se aproximava, os alunos começavam a se inquietar e os professores do PIBID, Sol, Alê, Marco e Andi queriam encerrar as atividades com uma prática que canalizasse a energia para uma boa produção e um novo conhecimento. Escolheram o grafite.

Já em aula, todos ouviam a explicação da teoria e, lá do fundo da sala um aluno, o Milow gritou:

– “Sora”, e aí quando é que vamos pichar?

Sorrindo, a professora respondeu:

– Nós não vamos pichar nada, mas em algumas aulas vamos preparar o material para grafitarmos, com estêncil, que é diferente, e veremos o porquê.

Enquanto alguns riam do colega, a professora retomava o conteúdo e explicava a diferença entre grafite e pichação. Milow, que perguntara antes, ficara agora entusiasmado com a ideia de que a disciplina de Artes poderia ir bem além do que muitos estão acostumados por aí e que ele poderia ver na sala de aula coisas que lá fora, na rua, chamavam-lhe a atenção.

Na semana seguinte, com o material pronto para produzir o grafite com estêncil, alunos e professores foram até o enorme pátio interno de cor amarela do colégio. Lá, uma parede branca lhes esperava para a respectiva aplicação, com imagens de edificações do centro histórico da cidade.

Quase no fim da aula, quando os alunos ainda grafitavam a imagem, um aluno de outra turma se aproximou e observou surpreso o que os professores de arte e colegas de escola faziam.

– Bá! Que legal! Também quero fazer pichação! – exclamou.

Em um reflexo imediato, a turma se virou para ele e, em coro, ensinou:

– Pichação não. Grafite!

Orgulhosos do aprendizado dos alunos, os professores se sentiram gratificados.



## NA SALA DE AULA NÃO CABE PRECONCEITO

DANIELLA DOMINGOS DE OLIVEIRA – PIBID ESPANHOL

ILUSTRAÇÃO: RODRIGO D. ROMEU

Para Pedro, tudo era novidade. Até mesmo a escola de ensino fundamental era diferente, muito maior que aquela com a qual estava acostumado. A escola do interior tinha apenas quatro salas, cada uma com sua professora, que aguardava os alunos já conhecidos de sua turma. Alguns até eram vizinhos de sítio ou de fazenda.

A escola, na nova cidade, com os novos colegas, era quase assustadora, pois tinha muitas salas, um professor para cada disciplina, aulas nos períodos da manhã e da tarde e com muitas crianças que falavam e riam. Além disso, vestiam-se de outro modo e falavam de outra maneira; não que fosse outro idioma, mas era diferente, um tanto mais rápido, e puxavam ou arrastavam na pronúncia de determinadas letras.

Quando tocou o sinal indicando que subissem para a sala, a funcionária da secretaria fez questão de acompanhar o aluno novo e apresentá-lo para a turma, o que podia somente piorar a situação, já que para Pedro passar sem ser percebido era sempre a melhor solução.

– Classe, esse é o novo colega de vocês, Pedro. Ele veio transferido da escolarural e concluirá o ano letivo conosco. Espero que todos o recebam cordialmente.

Ao dizer isso, a funcionária sinalizou para que Pedro fosse se sentar em uma das carteiras localizadas ao centro da sala. Ela se despediu da professora e foi embora para que a aula começasse. Naquele dia, a professora de língua portuguesa trabalharia leitura individual e solicitou que cada aluno realizasse em voz alta a leitura do trecho de um texto, retirado do livro didático que utilizavam. A tarefa deixou Pedro ainda mais nervoso, pois leitura já não era seu forte, imagina então para que todas aquelas pessoas, que ele mal conhecia, ouvissem. Quando chegou a vez de Pedro ele leu:

– Apoluição dos mares, do ar, das fontes de água doce e da terra é assunto que deveria preocupar a todos, já que dependemos desses recursos naturais para sobreviver.

A leitura de Pedro foi acompanhada por risos de todas as partes. Ele falava diferente dos demais, puxando um pouco o R das palavras, o que para ele era comum, já que todos em sua região falavam da mesma maneira; seu pai, sua mãe, os garotos da escola, enfim, aquela era a forma que ele sabia. O fato de todos rirem o fez pensar que estava errada a sua maneira de falar, deixando-o envergonhado e inseguro naquele lugar.

No dia seguinte, Pedro não queria ir para a escola de maneira alguma. Pensou, inclusive, em mentir para a mãe e dizer que estava doente; porém, não o fez porque a mãe sempre o apanhava quando inventava histórias.

Enfrentar aqueles olhares, no dia seguinte, não foi fácil. Pedro ainda não fizera um amigo sequer. Quando a professora entrou na sala, naquele dia, já foi logo adiantando que teriam uma aula importante. Então, nas aulas que tinham naquele dia, ela passou a falar sobre as variedades da língua, que é o 'jeitinho' que cada um tem de falar, e que não significa que porque é diferente é errado, ou mesmo engraçado. O que para nós parece estranho é aquilo que não conhecemos e por isso julgamos, condenamos ou debochamos. Isso vale às pessoas que se vestem de modo diferente, que falam de maneira diferente ou mesmo gostam de coisas diferentes daquelas que nós gostamos.

Nesse dia, Pedro até saiu feliz da aula, pois percebeu que é normal ser diferente. Nos próximos dias que seguiram, os outros garotos da turma começaram a falar com ele, perguntando sobre sua cidade e sobre o que gostava e até descobriram que existem coisas que são quase universais, tais como: quasetodos os meninos gostam de futebol e quasetodas as meninas gostam de vôlei e de pular corda.



## A ESTREIA

LILIAN GONÇALVES GUIMARÃES – PIBID INGLÊS

ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

A semana que antecedeu minha entrada na escola foi de ansiedade e nervosismo. Afinal, seria a primeira experiência que eu teria em uma instituição pública. Já fizera estágios durante a graduação, mas me lembro que a sensação não era nem parecida. Agora era diferente e a responsabilidade me pesava sobre os ombros.

Fui até a escola ver minhas futuras turmas, mas não me apresentei. Somente os observei durante o intervalo. Vi que alguns eram bem agitados e fiquei imaginando se “daria conta” de mantê-los interessados e atentos. Esse pensamento aguçou minha vontade de planejar, da melhor forma possível, as aulas. Minha mente fervilhava de ideias. Elaborei várias atividades, selecionei temas e textos para trabalhar com eles e cheguei até a ensaiar na frente do espelho minha apresentação do primeiro dia. Queria causar uma boa primeira impressão.

Finalmente, o dia tão esperado chegou. Era uma segunda-feira quente do mês de março de 2011. Eu suava frio. As mãos tremiam um pouco ao segurar a xícara de café na sala dos professores. Na escola, todos me receberam bem e talvez tenham notado meu nervosismo e quiseram me deixar à vontade no novo local de trabalho.

O sinal soou, recolhi meu material, respirei fundo e me encaminhei ao pátio da escola, para subir à sala com os alunos. Nesse dia, eu assumiria a turma sempre após o intervalo, que sucedia duas aulas de Educação Física. Não era preciso ter experiência para saber que eu encontraria os alunos agitados, suados, reclamando do cansaço e comentando sobre os acontecimentos do intervalo. Isso, porém não fez o meu entusiasmo diminuir.

Esperei alguns instantes até que todos estivessem acomodados em seus lugares e tentei lembrar a apresentação que tanto ensaiei em frente ao espelho. Mas nada me veio à cabeça, somente um branco infinito e uma tremedeira que começou pelas mãos e deslizou por todo o corpo fazendo minhas pernas bambearem. “E agora?” – pensei. “Eles vão se dispersar e não me darão atenção”. Logo, a insegurança tomou conta de mim. Precisava agir rápido, falar alguma coisa. Então me restou improvisar, falei brevemente sobre mim e pedi para que eles falassem um pouco deles também. Ouvi todas as informações, seus nomes e gostos com o máximo de atenção. Acredito que gostaram. Pensei que essa tinha sido minha primeira aprendizagem: sempre ouvir os alunos.

Nas aulas que sucederam, consegui pôr em prática meus planos de aula, claro, tendo de adaptar, acrescentar ou cortar sempre alguma coisa; mas, no final, o objetivo principal era alcançado. Assim tive minha segunda lição: planejar é importante para poder mudar sem perder o rumo.

E assim a cada dia fui aprendendo diferentes lições... inúmeras lições.

Hoje faz um ano que estou nessa escola. Todo dia aprendo algo novo. A lição mais importante é que um professor se faz a cada dia.





# A MAIOR LIÇÃO

LETICIA GABRIELA RIEGER – PIBID HISTÓRIA

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Como professores de História, ouvimos repetidas vezes uma pergunta:

– Para que eu tenho que estudar as coisas que já passaram?

Ou aquele comentário:

– Eu não sei, não estava lá quando aconteceu!

Em uma de nossas idas à Escola Maria Angélica, na comunidade do Taim, um de nossos alunos nos brindou com a pergunta:

– Por que estudar história?

Na volta, pensávamos o que poderíamos fazer para que ficasse entendido que eles fazem parte da história, que são membros atuantes da história.

Quinze dias se passaram. Voltamos à escola com uma proposta de atividade. Propusemos que cada um contasse algo marcante de sua vida; afinal, também eles têm uma história e algo de importante a contar. A proposta foi bem aceita pelos alunos, todos começaram a escrever e a nos contar um pouco sobre a vida deles.

No canto da sala um aluno, em especial, chamou-me à atenção. Ele não estava escrevendo! Ordenava símbolos de diferentes formas na folha de papel.

– O que fazes, Pedro?

– Professora, não teria graça seu eu simplesmente escrevesse a minha história. Você nos pediu para que contássemos a nossa história. Não falou de que maneira que ela deveria ser escrita. Resolvi escrever com símbolos. Você a traduziria? Vou fazer um quadrinho com o que cada símbolo significa.

– Claro que sim, Pedro! Tua ideia foi muito original!

A mensagem dizia:

“Bom, o dia mais importante foi quando eu fui a Santa Catarina. Foi muito massa. Aí, na casa da minha irmã, foi muito louco. Andei a cavalo. Meu cunhado treina os cavalos para o ferro de ouro. Bom é isso. Ah! Para quem conseguir ler isso, meus parabéns! Meu nome é Jonas. Que loucura! Hahahahaha.”

Neste dia aprendi que não importa muito a forma que nos expressamos e que não é preciso estarmos sempre presos à escrita formal e engessada. Nesse dia, o Jonas me mostrou que podemos inovar na forma de nos expressar e que devemos dar essa abertura para nossos alunos, porque o que para mim era um aglomerado de símbolos contava o que havia sido um momento marcante, ocorrido na vida do meu aluno.

E eu que pensava que somente os alunos aprendiam na sala de aula!

No decorrer dos dias, eles me mostraram que quem mais aprende sou eu. Aprendo como ser uma professora que tenta manter as aulas mais dinâmicas e atraentes. Sou uma docente errante, mas que busca acertar.



## CORRESPONDÊNCIA

LUIZ PAULO DA SILVA SOARES – PIBID HISTÓRIA

ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Caro Amigo!

Olá! Quero te contar um fato curioso, que mexeu muito comigo.

No final de semana que antecedeu o acontecimento que lhe vou descrever, estava planejando minhas aulas sobre a Segunda Guerra Mundial e tu, como professor experiente que és, sabes que o planejamento é essencial na vida de um professor. Reservei então nove aulas para esse conteúdo perpassando por diferentes estágios da guerra, além de discutir seus vários contextos.

Pois bem, planejava uma aula diferenciada e ao mesmo tempo de qualidade, e que fosse encarada pelos alunos como algo que pertenceu e pertence à história deles. Pois não podemos negar que muitos de nossos alunos tiveram parentes mortos durante a Guerra, por mais distante que os laços sanguíneos fossem.

Então resolvi discutir um filme com eles – escolhi A lista de Schindler – que trata a história de Oskar Schindler, empresário alemão que salvou a vida de mais de mil judeus durante o Holocausto, ao empregá-los em sua fábrica. Claro que comparados aos milhares de judeus mortos em campos de concentração nazista, sua ação foi pequena. Mas, para esses mil, fez diferença, tenho certeza.

Aí está o ponto do fato curioso que quero lhe contar: perguntei aos alunos o que achavam do Holocausto, elencando tópicos para serem discutidos na próxima aula. Recolhi o material e daria continuidade à aula, entretanto, tocou o sinal. As aulas são sempre mais curtas do que deveriam.

Fui para casa, tomei banho e resolvi ler os trabalhos daquele dia. O primeiro que peguei para ler era de Murilo, aluno quieto na fala e na escrita, mas que escrevera quatro páginas sobre o assunto. Fiquei surpreso porque era a primeira vez que eu observava tanta escrita. Curtos, muito curtos, com poucas palavras eram seus textos. Desta vez não foi o caso.

Começou dizendo, ou melhor, escrevendo:

Os atos de crueldade que os nazistas fizeram com os judeus não têm perdão, não tem como esquecer o que aconteceu, milhões de pessoas, de famílias inteiras morreram em campos de concentração.

Cada vez fiquei mais instigado a ler o que Murilo escrevera. Aleitura deste trabalho foi interessantíssima, apesar de triste. Parecia que Murilo estava presente naquele momento da guerra. Ele descrevia como se tivesse presenciado as barbaridades, das quais poucas sabemos.

Quando cheguei à última página, encontrei a explicação. Fiquei perplexo, sem reação ao terminar de ler. Contava a história de muitos de seus antepassados familiares, dizimados nos campos de extermínio nazista. Não tive como não chorar!

E agora, caro amigo Ian, como posso proceder? Não sei muito bem como abordar este assunto com Murilo. Talvez fosse interessante, ao menos, que ele também soubesse que há políticas sérias em toda a Europa para combater a discriminação racial e cultural, sobretudo na Alemanha, onde neonazistas são duramente inibidos de qualquer iniciativa ideológica.

Conto com a sua ajuda nesta empreitada.

Espero resposta.

Daniel Vasconcellos



## OS PROBLEMAS ESCOLARES E SUAS SOLUÇÕES

LEANDRO BARROS DE MATTOS – PIBID FÍSICA  
ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

No primeiro semestre de 2012, assisti às aulas do professor Daniel, na Escola Loreia Pinto, onde já estivera em 2011 pelo PIBID. Dessa vez, eu acompanhava a turma 103, problemática, pois tinha alunos muito revoltados.

Tive a oportunidade de assistir a evolução significativa do grupo com a saída dessas pessoas que causavam problemas e entendi como era difícil estar num ambiente onde não se tinha uma atmosfera que proporcionasse a tranquilidade para a concentração nos estudos.

Infelizmente, essa evolução foi obtida de maneira triste, com a saída espontânea ou a expulsão dos alunos que não entendiam a proposta de uma sala de aula, porque não respeitavam os direitos dos colegas de aprender.

Mais uma vez, como no ano anterior, a turma era composta por alunos carentes que, em grande maioria, trabalhavam durante o dia para estudar à noite. Não bastasse o cansaço do dia de trabalho, ainda tinham de, literalmente, aturar as “gracinhas” de alunos imaturos, adolescentes e adultos que se comportavam como crianças.

Depois desse problema ter sido resolvido, o ambiente ficou tão bom que nem dava para acreditar que um dia tamanha dificuldade pudesse ter feito parte do cotidiano daqueles alunos.

Fico feliz pela grande maioria que ficou. Terão uma qualidade de ensino muito melhor. Onde será que estão os alunos que não se encaixaram? Qual será a natureza de suas oportunidades, se houver? O que poderia ser feito para termos uma solução semelhante sem a ausência desses alunos? É lamentável, mas, talvez fosse tarde demais para ser solucionado pelos professores esse problema que seria facilmente resolvido pelos pais durante a infância desses estudantes.

Educação e respeito vêm de casa; é dever dos pais participar da educação dos filhos desde cedo. A escola não pode ser um depósito de crianças.



## COTIDIANO INUSITADO

MAÍRA SALCEDO DE MEDEIROS SILVA – PIBID GEOGRAFIA  
ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Era uma tarde tranquila, agradável. Algumas nuvens no céu escondiam o sol por alguns minutos, varriam o pátio do colégio, como de costume, enquanto pensava no relatório que tinha de escrever para a disciplina de Geomorfologia ainda naquela semana.

No sábado teria uma reunião com os professores na escola da minha filha, ainda teria de varrer a sala verde de cortinas da mesma cor. Quando a professora de Geografia veio me convidar para ir lá em cima ver a aula que estava acontecendo, fiquei curioso e entusiasmado.

Senti-me muito feliz ao ser convidado; afinal estou estudando para ser professor de Geografia. Embora a expectativa para essa aula fosse grande, sabia que era coisa boa. A professora é famosa pela sua perspicácia, criatividade e alegria, o que se reflete nos adolescentes que com ela convivem e na curiosidade do aprender. Gosto de me inspirar nela.

Enquanto subia as escadas, ouvia violões e vozes que pareciam estar em um ritmo conhecido, de uma dessas músicas que tocam no rádio. Logo reconheci era o “Ai se eu te pego” do Michel Teló. Mas será que realmente era aula de Geografia? Cheguei à sala rosa de cortinas da mesma cor, a turma se encontrava disposta em círculo, com dois violeiros ao fundo, que afinavam seus instrumentos. A letra da música tinha sido distribuída para todos que faziam parte do coral. É, realmente, o ritmo era da música que imaginava, mas a letra era mais ou menos assim:

Rocha, rocha

Assim você se forma

Ai se eu te pego, ai ai se eu te quebro

Energia, energia

Construção e decoração

Ai se eu te exploro, ai ai se eu te exploro

O granito é intrusivo

E o basalto, extrusivo

Intemperismo ele sofreu

E a erosão começou a rolar.

Percebi que a aula de Geografia pode ser criativa, dinâmica e, assim, fortalecer o processo de ensino e aprendizagem.

Anteriormente, já havíamos dialogado sobre o tema, com outras metodologias didáticas e, agora, os adolescentes cantavam felizes, rindo, mas com clareza de que estavam estudando, de que ali estava sendo criado um ambiente harmonioso, onde todos estavam aprendendo: a professora em formação continuada, os geopibidianos em formação inicial, os educandos, e eu, que fui surpreendido em mais um dia de trabalho.



## EM UM SÁBADO CHUVOSO

DANIELLE DA COSTA PINHEIRO – PIBID BIOLOGIA

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Era uma manhã de sábado chuvosa, tínhamos nos preparado a semana inteira para realizar uma atividade “diferente” do cotidiano escolar com uma turma de terceiro ano do ensino médio. Levaríamos microscópio, modelos anatômicos e confeccionaríamos junto com alunos uma célula animal e outra vegetal, em material feito em E.V.A, com suas respectivas organelas e funções, para que posteriormente fossem fixadas no laboratório de ciências.

Além das várias apreensões que já tínhamos ao realizar a atividade, como, por exemplo, se os alunos participariam e entenderiam a proposta do trabalho, tivemos ainda de lidar com a insegurança de chegarmos lá e não haver nenhum aluno devido aquele tempo chuvoso.

Ao chegarmos ao laboratório, onde seria realizada essa atividade, não encontramos mais do que oito alunos. Por mais que já esperássemos não encontrar muitos estudantes, a decepção de haver menos do que a metade da turma foi grande. E agora o que faríamos? O trabalho estava programado para ser realizado com quase trinta alunos e havia apenas oito, que, diga-se de passagem, não estavam muito animados.

Resolvemos então dar início à atividade. Começamos a explicação com auxílio dos modelos anatômicos feitos em resina, do que eles veriam no microscópio – célula animal e vegetal.

Para nossa surpresa, à medida que íamos explicando o que seria feito, o número de alunos em sala foi crescendo e ao nível de entusiasmo foi aumentando. Por fim, estávamos com a turma completa. Assim poderíamos realizar a atividade tal como havíamos planejado.

Ao término do trabalho, notamos que os alunos realmente se envolveram com o trabalho quando as células confeccionadas foram fixadas na parede do laboratório e eles começaram a fazer comentários do tipo: “Tá vendo aquela mitocôndria ali? Fui eu que fiz.” E o outro colega retrucava “Até que tá bonita, mas nada comparado ao meu complexo de Golgi.”

Ao serem questionados do porquê de terem ido à aula naquele dia chuvoso, em unanimidade responderam:

– Já haviam nos informado que não seria aula tradicional, estávamos curiosos para ver o que faríamos aqui. Ficamos satisfeitos pelo trabalho que fizemos e não tínhamos ideia de que era possível realmente aprender sem ter de escrever alguma coisa no caderno.



# O QUE FALTA É MOTIVAÇÃO

FERNANDA SCHNEID MIELKE – PIBID FÍSICA  
ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Certo dia, ao caminhar pela rua, encontrei um ex-professor. Começamos a conversar e então ele me fez a seguinte pergunta:

– E o que estás fazendo, menina? Estudando?

Eu, muito orgulhosa, respondi:

– Estou estudando professor, faço Física Licenciatura.

Com cara de desgosto, ele respondeu:

– Física, Fernanda?

– Sim professor, Física. Por quê?

– Eu achei que farias Medicina ou Direito, enfim, alguma profissão que desse mais dinheiro.

Na hora fiquei triste, mas respondi a ele:

– Estou fazendo o que gosto, professor. E acho que ninguém deve pensar somente no dinheiro na hora de escolher sua profissão.

E tem mais, se todos pensassem assim, o que seria de nossas crianças de hoje, futuramente?

Sem graça, ele disse adeus e foi embora.

Quando cheguei a casa, comecei a refletir sobre a nossa conversa e fiquei imaginando se ele falava isso para todos seus alunos. Talvez seja por este motivo que muitas pessoas não escolhem a profissão de professor. Ao contrário, eu fiquei mais motivada ainda a continuar fazendo o que gosto e sempre pensando que posso fazer a diferença, levando mais diversão e educação de qualidade para meus futuros alunos.

PROFESSORA!



# A FESTA DE SÃO JOÃO

ANDERSON SOUZA – PIBID FRANCÊS

ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

Na pacata turma do jardim de infância da escola “Caminho do Saber”, mais um dia normal de aula começa, exceto, é claro, pela chegada

de André, que sempre tinha uma confusão guardada no bolso de seu guarda-pó xadrez.

A professora Carmem anunciara, dias antes, a semana dos festejos juninos, que começaria com apresentações de danças, muita comilança

e que culminaria com a queima de uma grande fogueira armada no pátio da escola.

André, como era de costume, vivia com sua cabecinha pensando em mil coisas, menos no que tia Carmem falava. Disse a professora:

- André, vou colocar um bilhete na merendeira para sua mãe. Não se esqueça de entregar! Lembre de que todos deverão comparecer devidamente caracterizados e também trazer a comida típica, que, no teu caso, é pipoca, conforme o sorteio e, assim, a festa ficará bem bonita.

Ele respondeu:

- Pode deixar tia! Virei bem bonito e trarei pipocas como a senhora pediu.

Disse a professora:

- Isso André! É assim que eu gosto!

E ele seguiu junto à turma, preparando bandeirinhas, argolas, balões, tudo isso com muita risada e empolgação.

Ao chegar em casa, percebeu que o bilhete não estava mais em sua merendeira e, com medo de levar uns esfregas de sua mãe, apenas disse :

- Mãe, amanhã, teremos festa junina na escola, e eu preciso estar bonito, pois tia Carmem falou que somente assim a festa será bonita.

Ela disse:

- Assim, de uma hora para outra!? Não preparei nada! Agora vou ter que correr para fazer tua roupa.

Ele acrescenta:

- Ah! E não se esqueça das pipocas, isso é muito importante.

No outro dia, André estava faceiro. A roupa estava perfeita: camisa xadrez, calça remendada com retalhos coloridos, chapéu de palha, bigode e

cavanhaque feitos a carvão e botas de borracha, aquelas de andar na chuva. André não gostava muito das botas, mas sua mãe dizia que lhe

caíam bem.

O pai disse:

- Vamos lá, está na hora, não debes chegar atrasado!

E lá foi ele, feliz da vida no bagageiro da bicicleta de seu pai, com sua merendeira e mais um enorme balde de pipocas rumo à escola.

Quando lá chegou, viu que toda sua turma estava com o guarda-pó e que, naquele dia, não haveria festa alguma.

André entrou em pânico, e disse:

- Pai!!! Acho que erreí o dia da festa...

Seu pai caiu na risada e disse:

- Agora, já era! Não tenho como te levar de volta para casa. Não posso chegar atrasado ao serviço.

A professora, apesar de solidária à situação, mostrava nos lábios um leve sorriso que, em sua visão, nada mais era do que uma enorme gargalhada

contida. A turma toda foi para a porta da sala de aula ver o que estava acontecendo e, logo que viram André vestido de caipira, caíram na risada.

Ele, que não era bobo e nem dava o braço a torcer, disse:

- Seus babacas! Estamos na semana das festas juninas, foi tia Carmem quem disse! E é por isso que já estou pronto!

Todos riram muito e André ficou todo o período de aula vestido de caipira e distribuindo pipocas aos colegas.



## O ESPELHO

ROSANA SAGGIONI MORAES – PIBID FRANCÊS

ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Terceiro dia em que desperto com dor de cabeça. Levanto, preparo um café e bebo, tentando engolir com ele a dor que me dificulta a apreensão da realidade. Vou ao banheiro. Acendo as luzes. Coloco as lentes. Aproximo-me do espelho e vejo as rugas que disfarço com corretivo. Observo um a um os sulcos que o tempo esculpiu no meu rosto. De repente não estou mais diante do espelho. Mergulho na linha que separa o presente do passado e lá está Isabel, menina ainda. Aos dez anos, ela enchia de graça os corredores sem fim do Colégio Pio X. Gostou da professora desde o primeiro dia de aula.

Mal a professora chegava, e Isabel corria para dar-lhe um beijo. Fecho os olhos e devaneio, percorrendo o corredor, sempre de mãos dadas com Isabel, para pegar a caixinha do maldito giz e um copo de água.

O vento sopra lá fora; é fim de julho e ainda não amanheceu. Por que pensei em Isabel? Não sei. Sei que esse devaneio me aquece a alma e me alivia a dor. Passaram apenas dois meses juntas. A professora desenvolveu alergia ao pó do giz. Como não ficava bem tossir diante das crianças, a direção da escola intimou-a a se afastar durante os seis meses de tratamento.

Substituíram a professora. Ela e Isabel não mais se viram. Apenas pensavam uma na outra com uma ternura que o tempo não diluiu em esquecimento. E a vida das duas seguiu seu curso. Passaram-se anos sem que elas tivessem notícia uma da outra. A professora foi nomeada para uma escola no centro da cidade. Conheceu, então, Beatriz, que se aposentaria naquele ano. Conversavam amenidades, quando a professora contou de sua experiência no Colégio Pio X. Naquele momento, reencontraram-se a menina e a professora.

Até hoje ela se comove quando se lembra da imagem da menina, reconstituída nas palavras da mãe. Segundo Beatriz, Isabel chorou uma semana, quando a mestra se ausentou. Mas o tempo pode ser amigo e a menina passou a gostar da nova professora. Sempre foi aluna dedicada e já pequena interessou-se pela docência, quando, em casa, brincava de escola com a irmã. A menina cresceu, graduou-se e formou muitos alunos. Amanheceu, e o sol esboça um céu alaranjado. Percebo que narro lembranças, pois preciso me livrar da dor e encontrar um sentido para esse frio domingo. Volto a olhar meu rosto no espelho. Aos poucos, a imagem de Isabel funde-se à da mulher madura. Pensar na menina me faz aceitar que o rosto esculpido pelo tempo guarda minhas memórias. As rugas não me incomodam mais.



## UM DIA DEPOIS...

ALESSANDRA BASTOS DA SILVA PADILHA – PIBID FRANCÊS

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Enfim, chegou o tão esperado dia! Foram quatro anos de muito estudo, noites em claro, leituras, trabalhos, preocupações, ...mas, neste dia, a sensação era de dever cumprido, todo o esforço havia valido a pena.

Era fevereiro, uma tarde linda de verão. Aliás, linda e quente, muito quente. O calor era quase insuportável. Ela olhava para seu pai, que pacientemente se arrumava às quatro horas da tarde para acompanhá-la em todos os momentos. Com todo aquele calor, ele precisava vestir terno e gravata, por ela escolhidos, e por sinal, ele estava elegantíssimo, mas só de olhá-lo de calça e camisa de mangas compridas, sentia mais calor.

Ela estava com um vestido bem fresquinho e se preparava para vestir a toga, coisa bem esquisita aquela. Assim que a vestiu, comentou: pareço um liquidificador com capa, igual ao que tem na casa da minha avó! Seu pai e a moça que estava ajudando as formandas a se arrumarem deram uma gargalhada. E o pai dela, com um olhar emocionado, disse: pára de bobagem, tu estás linda!

Ela sabia que seu pai estava dividido entre a felicidade de ver o sonho realizado por ver os dois filhos formados e a preocupação com seu irmão no hospital. Ela se olhava no espelho, continuava se achando estranha com aquela roupa e conferia se estava tudo em ordem, brincos, cabelo e maquiagem.

Chegou a hora do coquetel, brinde e fotos com as colegas. Seu pai desceu para encontrar os convidados, mas antes ela repetiu várias vezes: não esquece de dizer pro mano que ele tem que colocar o anel virado! Ele, pacientemente, dizia: Ok, não vou esquecer chicletinho! Era assim que ele a chamava, por estar sempre grudada nele. Ela, então, pegou uma taça de champanhe e foi pra sacada. A vista era linda. Diversas espécies de árvores, plantações, o sol já se pondo e ela ali, admirando e curtindo aquela sensação única. Foram quatro anos esperando por aquele momento!

Juntou-se às colegas, brindaram, tiraram diversas fotos e enfim chega a hora. Todas descem para a entrada do auditório e posicionam-se. Ela sentia as pernas tremerem, quase não conseguia ficar em pé de tão nervosa que estava. Chegou a

comentar com sua colega: Minhas pernas estão tremendo, acho que nem vou conseguir caminhar... Mas quando percebeu, já estava entrando, percorrendo um tapete vermelho, ao som de uma linda música e muitos aplausos. Viu sua mãe, suas amigas e diversos familiares, todos de pé, aplaudindo. Ela, muito nervosa, tentava manter um sorriso no rosto.

Começa a cerimônia, hino, juramento, discurso e a hora mais esperada, a entrega do diploma. Inicia a música que ela havia escolhido. Era uma música tradicionalista e apenas instrumental, bastante conhecida, começava calma e depois entrava o som da gaita, agitada, dando um toque especial ...e agradou. Assim que a música começou, foi uma gritaria e aplausos de toda a plateia. Chamam-na, e também seu pai para lhe entregar o diploma e seu irmão para lhe colocar o anel. Que momento! Quanta emoção! Lágrimas percorriam o rosto de seu pai, e seu irmão tremia tanto quanto ela.

Dirigiu-se até o patrono que colocou o chapéu. Até a paraninfa que virou o anel. Toda sorridente, voltou para seu lugar.

Assim que se sentou pensou: - Quatro anos de espera para estes segundos, isto tinha que ter durado mais! A cerimônia continuou. Após, ela e seus convidados foram para o salão de festas. Comeram, beberam, dançaram e divertiram-se muito até o raiar do dia.

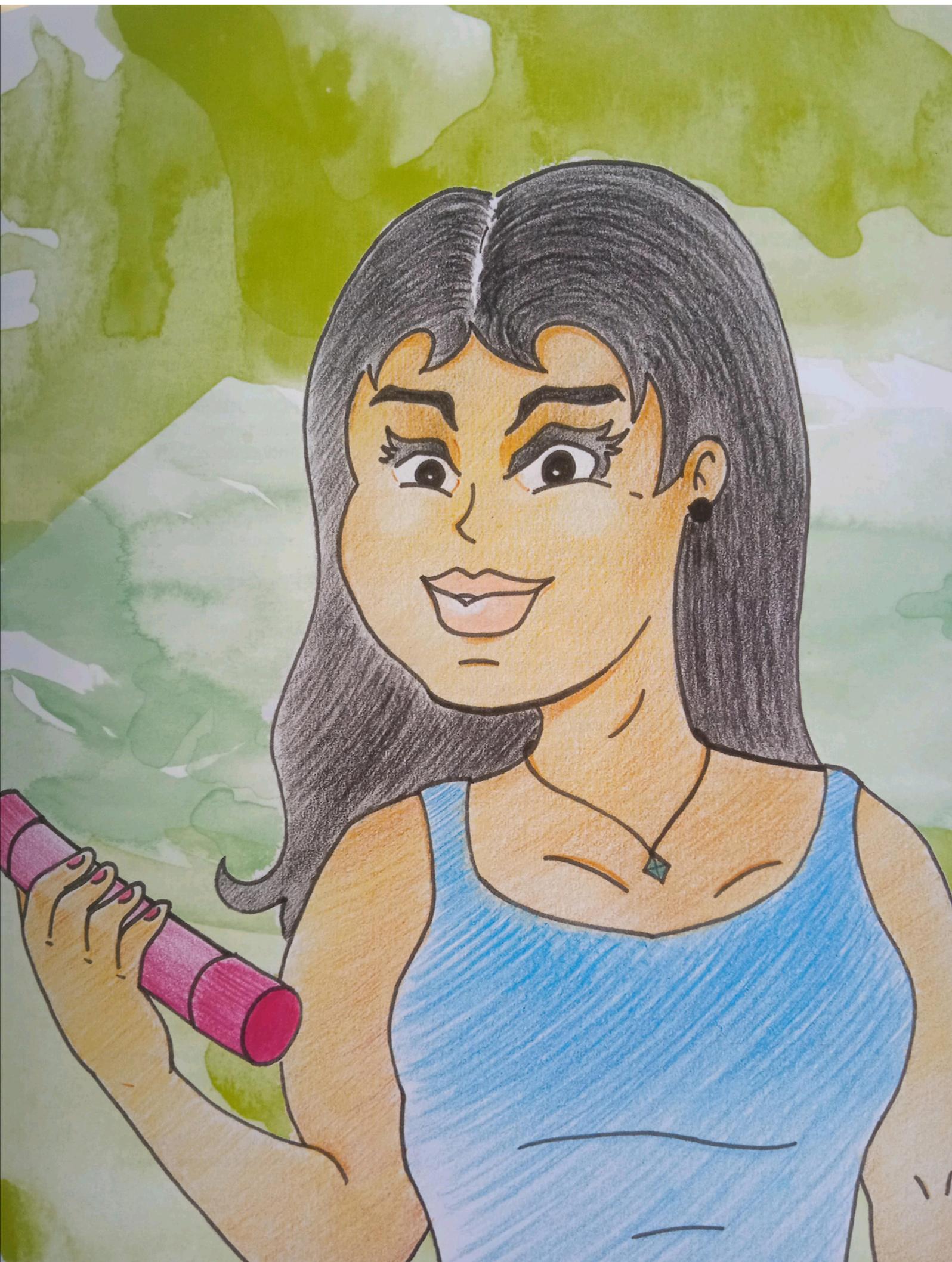
Ela e seu pai chegaram em casa exaustos e um tanto embriagados também, mas este dia merecia toda esta comemoração. Tomou um belo banho para relaxar, deitou-se e logo adormeceu.

Depois de dormir horas seguidas, acordou-se e ficou deitada, lembrando cada momento. Ria sozinha, pensando que deveria ter tentado ficar menos nervosa e ter aproveitado mais. Passou tão rápido, pensava ela. Há poucos dias eu era universitária, ontem eu era formanda, e hoje, estou formada, mas... e agora? Indagou-se.

Muitas vezes pensamos que o dia da formatura é o fim do percurso, pensamos que o período de estudos termina ali, que as noites em claro pesquisando, que as preocupações e todo o esforço também terminam ali, e então, um dia depois, apenas um dia depois, percebemos que, na verdade, é a partir deste dia que tudo realmente começa. Uma outra fase, um novo caminho, provavelmente tão cheio de surpresas quanto os anos da faculdade, e sem dúvida, com muitos desafios.

Agora, ela percebe que entrar na universidade e formar-se, na verdade, não foi a parte mais difícil. Pior mesmo está sendo encarar esse tal "um dia depois" e todas as dificuldades que ele traz. Às vezes, dá vontade desistir. Mas isso passa, e ela segue

trilhando seu caminho. E embora seu pai não esteja mais ao seu lado, é dele que vem a força que a faz continuar lutando para ter o melhor "um dia depois".



# CRÉDITOS

## ORGANIZAÇÃO

Ioni Gonçalves  
Maria do Carmo Galiazzi  
Vivian da Silva Paulitsch

## EQUIPE DE ILUSTRAÇÃO COLSULTORIA DAS ILUSTRAÇÕES

MSc. Geraldo Roberto da Silva  
Dr. José Antonio Vieira Flores

## ILUSTRAÇÕES

Carlo Diego Silveira Alves  
Diogo dos Santos Gonçalves  
Luis Gustavo Lesxistão dos Santos  
Rodrigo Dias Romeu  
Vinícius Cardoso Rodrigues

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Diogo dos Santos Gonçalves  
Vinicius Cardoso Rodrigues

## CAPA

Diogo dos Santos Gonçalves

## REVISÃO

Marlise Bassfeld-Muhme

## AUTORES

### ARTES VISUAIS

Caroline Dias  
Samantha Ávila Pinto

### ESPAÑHOL

Daniella Domingos de Oliveira  
Laís dos Santos de Moraes

### PORTUGUÊS

Roberta Pereira Quaresma  
Andressa dos Santos Galvão

### PEDAGOGIA

Tatiane Suita Machado  
Emanuelle Rodrigues

### EDUCAÇÃO FÍSICA

Nicole Manzke  
Luana Nunes

### QUÍMICA

Marcia Von Fruhauf Firme  
Jonatas Souza da Silva

### GEOGRAFIA

Maíra Salcedo de Medeiros Silva  
Alessandra Teresinha Pacheco de Souza

### FRANCÊS

Rosana Saggioni Moraes  
Anderson Souza  
Alessandra Bastos da Silva Padilha

### BIOLOGIA

Rosanna Iasiniewicz  
Danielle da Costa Pinheiro

### INGLÊS

Lilian Gonçalves Guimarães  
Bruna Lieze Mori

### FÍSICA

Leandro Barros de Mattos  
Fernanda Schneid Mielke

### **MATEMÁTICA**

Zélia Maria Carvalho Rodrigues  
Vagner Pedrott

### **GESTÃO ESCOLAR**

Graciele Ribeiro  
Margarete Albernaz Teixeira

### **HISTÓRIA**

Leticia Gabriela Rieger  
Luiz Paulo da Silva Soares

### **EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Raphael Rubens Vieira Dias  
Luciani Wienke Beiersdorff

### **COORDENAÇÃO DO PIBID- FURG**

Profª Maria do Carmo Galiuzzi e  
Profª Ioni Gonçalves Colares- PIBID INSTITUCIONAL  
Prof Luiz Fernando Mackedanz- FÍSICA  
Profª Celiane Costa Machado- MATEMÁTICA  
Profª Derocina alves Campos Sosa- HISTÓRIA  
Profª Sonia Marisa Hefler- BIOLOGIA  
Profª Luciani Salcedo de Oliveira- INGLÊS  
Profª Maria Josefina Israel Semino de López- ES-  
PANHOL  
Prof Moacir Langoni de Souza- QUÍMICA  
Profª Rosely Diniz da Silva Machado- PORTUGUÊS  
Profª Vivian da Silva Paulitsch- ARTES VISUAIS  
Profª Cláudia da Silva Cousin- GEOGRAFIA  
Profª Eliane Misiak- FRANCÊS  
Profª Ana Laura Salcedo de Menezes, Profª  
Narjara Mendes Garcia e Profª Jaqueline Ritter-  
GESTÃO ESCOLAR  
Profª Simone Anadon e Profª Ivone Porto Mar-  
tins- PEDAGOGIA  
Profª Mara Rejane Osório e Profª Danielle Mon-  
teiro Behrend- EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
Prof Billy Graeff Bastos- EDUCAÇÃO FÍSICA